Memorias

II

1902-1908

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

. «Todo aquele que teve algum poder social, ou interveiu na vida da sociedade ou simplesmente assistiu, como obscuro espectador, ao espectáculo das suas lutas, deixa dito o que fez, o que viu, o que ouviu. Daí o rico manancial histórico das memórias.»

João Chagas: Cartas Políticas
vol. III, pag. 222

I

«Se inda agora errado vou,
tarde é já para emendar-me.»
D. Franc.º Manuel de Melo: Ecloga: "Lá junto ás aguas de Ovar..."

O dia 11 de Novembro de 1902 amanheceu em Lisboa de máu cariz.

Ao comboio, não me lembro já de que horas depois do almoço, concorreu grande parte dos 74 rapazes que constituiam o curso que ia para Mafra fazer o Tirocinio de aspirante a oficial.

Ao chegar á estação da vila, num descampado, os que não conheciam a região ficáram a olhar para aqueles cabeços negros, alguns com os altos encobertos por nuvens pesadas e para as encostas sem arvoredo de onde parecia que escorria, lentamente, uma humidade viscosa.

Verdadeira desolação... O caleche alu-
guado pelo Raul Loureiro que es-
perava o grupo de quatro a que eu pertencia,
largou estrada fóra, vagaroso, porque logo de
entrada havia uns 3 Kilometros de subida; nós,
enterrulhados nos capotões novos iamos calados
como quem segue para um desterro.

Por toda aquela extensão de terra magra
havia tambem silencio impressionante que
acabrunhava. Uns muinhos de vento tinham
as velas recolhidas e não largavam o ron-
ron do costume; as proprias aguas aqui e ali
que se viam nas encostas em pequenos regue-
ros, parece que não faziam barulho, seguiam
discretamente para os vales. Era uma tris-
tera avassaladora.

Depois a estrada entrou em curvas, ora
subindo ora descendo até que, transposto largo
portão vermelho entramos na Tapada Real e
rodámos por estrada arborizada com plataneos
enormes desfolhados que pingavam humida-
de mais densa ainda.

A certa altura, por entre as arvores,
avistámos umas torres negras; a seguir um
cirado ~~[illegible]~~ comprido de pedra escura. O pro-
prio companheiro Raul Loureiro que habi-

finalmente ia á Ericeira e, por consequência conhecia Mafra, disse-nos tranquilamente, como coisa natural:

— Aí teem vocês o convento...

Outro portão largo se abriu e eis-nos em frente dum colosso de pedra enegrecida que nós contornámos e de que vimos a esquerda fronteira mais escura ainda, a escorrer a mesma humidade viscosa. O alto das torres estava encoberto pela névoa e eu sentia o frio invadir-me o corpo e a chuva a cair e a molhar completamente.

Passando á face sul, com a mesma aparencia triste e soturna, parámos é porta ria do mosteiro que era a entrada nobre da Escola Pratica de Infantaria.

Senti em mim qualquer coisa de estranho que me dava certo pavor. Era ali, dentro daquela immensa mole de pedra que eu teria de viver por alguns mêses!

No atrio, com lagêdo molhado e paredes humidas esperára-nos o 2º comandante da Escola, o Tenente-coronel Alfredo Augusto de Barros encabeçado no capote regulamentar e com capa redonda por cima; de aspecto correcto de bom methodo queria ser uma

vel e atencioso, mas não deixava de ter o seu ar um tanto ou quanto fradesco. Deu-nos as boas-vindas, indicou-nos os nossos quartos e nós começámos a dispersar, subindo uma magnifica escadaria de marmore e internando-nos em corredores escuros — tudo molhado e tristonho.

Procurei o meu quarto no 2º. pavim.to ou seja no 1º. andar, com janela para o grande pátio central chamado «jardim de luxo» onde no momento o corneteiro tocava qualquer chamada regulamentar.

Os meus companheiros escolhidos previamente eram o António Lopes Rebelo de Andrade e o António Pinto Cardoso Salgado; fomos á janela, olhámos para o cenário baço, vimos as nuvens baixas, em novelões, taparem o quadrado formado pelos eirados, e a correrem, a passarem do sul com velocidade — e trocámos quaisquer frases de desalento. O que iria ser aquele tirocinio, em convento tão pesado e triste, em que o proprio 2º. comand.te aparecia abafado com capa sobre o capote e parecia querer pedir desculpa da má impressão que era visivel em todos nós?

O Andrade, mais optimista, ainda quiz mostrar certo bom humôr; mas o Salgado e eu, tivémos uma reacção que se traduziu em frases agressivas e um tanto ou quanto malcreadas...

Tinhamos sido promovidos a aspirantes com a data de 1 de Novembro, na Ordem do Ex.to saída em 3 (1); e, enfim, estavamos na Escola Pratica de Infantaria onde se preparávam os cadetes saídos da Escola da Bemposta para a vida pratica dos regimentos.

Era comandante o coronel Antonio Caetano Ribeiro Viana, homem distinto, de estatura mediana a que uma longa pêra ainda quasi preta dava certa imponencia e gravidade; maneiras brandas e delicadas, habitos de sociedade, tendencia para amenidade de trato e bondade de temperamento.

O 2º comandante, o ten. cor.l Alfredo Augusto de Barros, homem intelligente, espirito irónico e sagaz, contrastava com o comandante. Algum cepticismo e talvez um pouco de «não te rales!» que lhe viria da pouca saude de que gosava, davam-nos a im-

---

(1) Ordem do Ex.to nº. 25, 2ª. serie.

pressão de não ser capaz de sinceridade nas relações com o curso e que se daria mais à prática de paliativos do que de resoluções sérias e definitivas.

Assim, respeitavamos o coronel e não tomávamos ~~[illegible]~~ muito a sério o tenente-coronel seu, aliás, o achavamos antipático.

Gostava, o Ten.te coronel Barros, de contar as suas anedotas; e quando uma nem por outra dava qualquer prelecção ou «teoria» aos rapazes, entremeava a monotonia do assunto com uma ou outra historieta, ás vezes até um pouco ou quanto brejeira. Nessas prelecções costumava entreter-se com um cordel que enrolhava e desenrolhava, que enrolava nos dêdos e estendia na mêsa enquanto falava — cordel que o espiritoso e culto candidato Manuel Antonio de Almeida chamava «o fio do discurso...»

Como estava no meio do curso, fiquei pertencendo, com o nº 400, á 2ª Companhia, a «Companhia normal» ou «de Tactica» comandada pelo capitão José Joaquim Peixoto, militar da velha escola, disciplinador, grande instructor de tactica alestrada e que era superior na preparação dos aspirantes

para se apresentarem deante dos recrutas e de tropas formadas.

Pertenci á turma que ele instruia e devo confessar que recebi dele impressões que nunca mais esqueceram e que me valeram durante a minha vida de subalterno. Os rapazes, em regra, não gostavam dele, achávam-no hirto, duro, pouco acessivel; mas eu tive-o gostando do homem porque essa dureza e rigidez eram em pouco aparente, eram uma necessidade do instrutor — pois vi sempre nele um homem inteligente, sabedôr e que instruia dentro das regras militares mas também dentro de certa bonomia e sempre com correcção de maneiras. A nossa inexperiencia e alguma rebeldia natural nos vinte anos, faziam ver nele apenas o <u>prussiano</u> nada acessivel quando, afinal, não era assim.

O seu <u>prussianismo</u> era apenas na instrução e perante os recrutas. O velho coronel Gonçalo Pimenta de Castro fala dele nas suas <u>Memorias</u> com muita consideração; era «apenas um soldado muito cumpridor, sabedor e muito digno e leal.» [1] E era-o realmente.

---

[1] <u>As minhas memorias</u>, vol. 3º, pag. 177.

Segundo me contaram depois, veiu, coitado, a morrer cêgo e num asilo do Porto, por não ter ninguem de familia.

Esteve comnosco pouco tempo; ainda dentro do ano foi promovido e deixou a Escola. Foi substituído pelo capitão Feliciano do Nascimento Pinto, homem bondoso, inteligente, com conhecimentos, mas sem o valor de instrutor militar do outro.

Teve a má sorte de inaugurar as suas prelecções ou «teorias» com a nomenclatura do equipamento do soldado; e como começasse pela patrona e nomeasse logo de entrada a fijola com botões que era uma das partes principais, sôou estranhamente aos nossos ouvidos por desconhecida, de certo, de 98% dos rapazes, a palavra fijola. O resultado foi que, á saída da sala, o pobre do capitão Feliciano Pinto já tinha a alcunha que lhe ficou de — «fijóla com botões.»

A companhia tinha por subalternos os tenentes Francisco Bernardo do Canto e Casimiro de Sousa Teles que morreram generais; o tenente Aristides Rafael da Cunha, pobre diabo sem valor, conhecido até pelo «Cunha da asneira» e o já nosso conhecido da Esco-

la do Exercito, Alberto Salgado, o Malaka que a certa altura veiu substituir o Cunha promovido a capitão.

A instrução era um brocado inteira, desde as 7 horas e meia da manhã até as 4 h. da tarde, dividida em 4 tempos; pela minha parte não tenho que dizer mal dos instrutores mas... o ambiente vinha m.to ainda da Escola do Exercito embora mais atenuado.

Aqui, a escola já estava formada, não havia que lutar para subir mais e passar á frente dos outros; havia contudo a emulação, a terrivel emulação que levava a muitos dos rapazes quererem aparecer aos instrutores como os melhores, a fazerem todos os esforços para serem notados. E como se isto não bastasse, a superchiória, a terrivel superchiória, também não ficou esquecida e muitos já vinham recomendados como bons quer para a instrução em geral como para poderem ficar no ano seguinte no chamado «aperfeiçoamento de esgrima.»

Eu notava isso e deixava correr. Cheguei a Mafra com a minha bagagem somente e sem me preocupar com o que se poderia passar, indiferente a honrarias e a desfa-

rioridades de bom instrutor de tactica ou de engrimista.

Sabia que fôra colocado na 1ª Companhia do 3º Batalhão do Reg.to de Infanteria nº. 23 com os nºs 8/222 e que tinha por capitão o Domingos António dos Santos e Freitas, patricio que apenas conhecia de nome e devia ser dizia rural. E assim estes dez meses que ia passar dentro do severo convento joanino seria uma pausa ou intervalo entre o feriado escolar e a vida regimental.

E como em pouco tempo comecei a entender que só se chamariam certos rapazes para trabalhos de mais responsabilidade e de mais efeito espectacular, e me pareceu que essa chamada já estava organizada previamente, e sem obedecer de modo rigoroso ás qualidades militares dos escolhidos, eu pensei (aliás dentro do meu modo de ser) que o melhor era deixar andar e observar o que aparecia á vista sem outros intuitos que não fossem alem de simples observação curiosa.

Depois, a vida era comum dentro da Escola, sem distracções exteriores, era um pouco pesada. Durante o inverno o frio, a chuva e o vento característico da região faziam

com que ficaremos recolhidos depois das instruções. Valiam-nos os extensos corredores para passear, onde muitas vezes o vento zunia desagradavelmente e fazia côro com o bater cáro de alguma porta mal fechada, bater que reboava soturnamente aos nossos ouvidos.

Ás noites, havia como variante a sala de oficiais onde se jogava o bilhar, o gamão, as damas e cartas. Conversáva-se uma vêz por outra com os oficiais da Escola que viviam dentro do edificio, bebiam-se cervejas ou copitos de qualquer licôr que se vendiam num cantineiro instalado num vão de escada — e assim se passáram os meêses até á Páscoa, alegrados por instruções nos corredores quando chovia ou na parada grande do nascente do quartél ou no largo do lado norte.

Vinguei-me, então, na leitura. Li muito Camilo, Eça de Queiroz, Junqueiro, Balzac, Zola, alem de romances tipicos para passar o tempo; e como o ambiente não era favorável, a minha tendencia para escrevinhar teve um periodo de calma, isto é, deixou de produzir — e ainda bem.

Nas ferias grandes anteriores, ainda parece que passei num conto não sei bem a

que proposito, cujo plano expuz em carta que deixei no muito cit.º volume dos Pecados Velhos; conto romantico sem nada de interesse, com assunto banal para não dizer muito mais que banal — mas, enfim, era mais uma tentativa em novo genero literario que até então não tinha experimentado. Não tenho ideia, porem, de o escrever; quero crer que ficou apenas no plano e... na boa intenção.[1]

E foi tudo.

Até ao fim do tirocinio em Mafra, as minhas Musas quedáram-se, sossegadas, a verem-me tirocinar para oficial do «nobre "exercito portuguès.» E eu, verdade, verdade, alem das leituras referidas, tive o passatempo por influencia dos tenentes Francisco Bernardo do Canto e José de Oliveira Gomes (da Escola Central de Sargentos) dumas recitas inofensivas organizadas com os aspirantes e nas quais eu tive o alto papel, como 1.º violino, de chefe dum sestêto musical que abria os espectaculos e preenchia os intervalos.

Era um derivativo para a monotonia da vida normal, especialmente durante o in-

---

[1] Ver no 1.º vol.º, pag. 384-385. Este conto

verno quando o vento uivava por aqueles interminaveis corredores e fazia bater uma ou outra porta mal fechada com som lugubre que ecôava como tiro de artelharia ao longe.

E como no sexteto fazia falta um contrabaixo, ensinei ao tenente Canto a escala do instrumento, fi-lo praticar na arcada e, ao fim de certo tempo, entrava no conjunto com certa gallardia e segurança. Muitas vezes, já velho e general reformado, se referia a isso com o chiste natural de que usava quando recordava essa quadra amêna.

Assim se passou o tempo.

Não sei porquê, os instrutores nunca me ligáram grande importancia militar, possivelmente devido ao meu feitio nada metediço, ou porque me não encontrassem qualidades militares (o que não seria grande erro); a verdade é que raras vezes fui chamado a exercer comandos de pelotão e nem uma unica vez o de companhia.

Depois da Páscoa, com o tempo bom, os exercicios de tactica aplicada e abstrata faziam-se na Tapada; estes ultimos na esplanada lar-

---

seria pois uma atrevida reincidencia.

ga ao fronte da mata dos eucaliptos a que a soldadesca chamava «o finhal dos eucaliptos.» Os outros, conforme o tema de manobra faziam-se mais para deante e algumas vezes na chamada Tapada de Fóra onde havia encostas muito asperas com mato alto e agressivo onde cresciam á solta coelhos e javalis bravos fora regalo cinegético dos reis.

Lembro-me de que, durante uma série de exercicios reais ou menos na área da barreira de Tiro, para os quais eu não fui escalado, acompanhava o agrupamento de oficiais e aspirantes até certa altura e quando começava a dispersão deles e de outros para melhor se observarem os movimentos, eu e o António Pires Pereira J.or que estava nas mesmas condições, iamos refugiar o nosso incorformismo para um pequeno bosque de carvalheiras á direita da estrada central, junto ao lés das lagoas, recentemente plantado mas que já dava muita sombra e seguro e amavel esconderijo; ali, deitados no chão sobre o folhedo sêco, ficávamos a ler pacientemente até que, ao ouvir os tiros de alto ao exercicio e de reunião, nos levantávamos, fechávamos os livros que ocultávamos cuidadosamente

nos bolsos da fardeta e iamos procurar os varios grupos no local de reunião.

Recordo-me de que num desses periodos li La peau de chagrin de Balzac e, em tradução francesa, o romance de Walter Scott Le chateau perilleux ao passo que o Pires Pereira mais dado a assuntos filosoficos se embrenhava, salvo erro, nas profunderas das paginas da Ideia de Deus do Sampaio Bruno recentemente publicada.

Uma vêz, porem, tinha chegado de Coimbra pela meia-noite e mal me acomodára na cama, a dormir, quando ás 4 horas e meia da manhã o meu companh.º de quarto Rebelo de Andrade me acordou.

Havia exercicio muito cêdo! E desse exercicio deixei nota escrita mais tarde, ao recordar a madrugada; essa nota não ficará mal aqui, já agora, para lembrar o que foi o meu alheamento — possivelmente ajudado pela indiferença dos instrutores.

Aqui vai a nota:

«Ás 4 e meia da manhã, acordei: o Andrade berrava-me que tinha exercicio... Creio que descompuz o comandante do Esco

la e o director da instrução. Mas, enfim, lá me levantei e lá fui para a parada tomar parte no exercicio.

«O tenente Canto chamou-me: ia comandar o inimigo para o alto do Baracío. Lá fui! A manhã ennevoada, estava explendida; havia quase frio e para o mar estava tudo cerrado.

«Pela Papada dentro conversei com o Canto sobre o que tinha feito em Coimbra, ia pisando as folhas secas humedecidas pelo orvalho da manhã e vendo o arvorêdo na grande imobilidade das manhãs serenas de verão.

«Lá fomos, avenida fóra, até á Ravina; e ali, estabelecendo as vedetas, começámos a subir pelos caminhos estreitos que vão ao alto do Baracío; a nevoa começava a dessiparse e aqui e alem no vale entrava o sol a incidir fazendo brilhar a herva humida.

«Olhei para traz e parei; uma nesga de sol, rompendo o nevoeiro, incidia sobre a vila de Sintra; e esta, ligeiramente encoberta ainda pela neblina transparente, encostada á serra alcantilada, deixava luzir um ou outro telhado de vidro como um diamante. O monte do Funchal estava escon

dido ainda; mas o vale, brilhante aqui e alem, ia terminar nesse belo quadro de Sintra, recostada nos alcantis, aparecendo com pequenos pontos brilhantes, numa confusão de névoa e de luz.

« Achei o quadro bonito. Chamei a atenção do Canto; mas este, ao ver um inimigo ao longe, não me ouvia; e eu, que não me importava com o inimigo nem com o amigo, deixei-me estar a ver o amanhecer explendido até que ele me chamou para me esconder numa trincheira que ha no alto do monte.

« Depois observei o que se ia passando. A pouco e pouco começou a aparecer tudo distintamente, as casas, os chalets, os alcantis agrestes da serra, e por fim o castelo real, com os seus recortes caracteristicos. A nevoa ia fugindo em grandes flocos brancos como algodão e gradualmente o mar, na sua grande faixa escura apareceu sereno, magestoso, com a gravidade propria do seu grande papel.

« Alem, um navio passava para o sul; acolá um vapor corria para o norte; e as encostas até ao mar desenhávam-se claramente. Ao pé de mim começaram a dar tiros; eu

importava-me lá com os tiros!... O Ramos Lé Couto dizia-me correctamente:

«— Vai correndo bem o combate...

«E eu respondia-lhe:

«— Olhe que bonito!

«E apontava para Sintra... A tal respeito nunca nos entendêmos.»[1]

Prosa pretenciosa, alguem dirá talvez enfadada, mas com a preocupação do descritivo e de vaga ironia; mas é, na verdade, uma amostra do que se passava no meu espirito talvez a querer libertar-se do prosaismo do exercicio

Assim seria.

E aqui veem talvez a ocasião de comentar, creio que com alguma razão, o abandono a que se votava grande numero de aspirantes.

A Escola deveria ser, creio eu, o lugar de aperfeiçoamento de todos e parece-me que aqueles se estavam menos habituados ou, por qualquer motivo, menos aptos para a vida militar, deveriam ser os que mais veres foss sem chamados á pratica e sobre esses deveria cair maior vigilancia.

---

(1) Nota escrita em 21 de Junho de 1904.

Mas não. Havia um escol de «tacticos» e de «instrutores» e de recomendados q. andávam sempre metidos em tudo; o resto ficáva de lado, esperando a sua vêz na escala que de raro em raro chegava.

Fui sempre muito bem tratado, é certo; mas o que lá me deu superioridade foi o violino e o ser director do sexteto...

O tenente Canto tratava-me, familiarmente, por Pimentinha; o Oliveira Gomes dava-me honras de camarada devido ás suas ideias republicanas; o comandante, o cor.l Ribeiro Viana, casado com uma senhora muito simpatica e respeitavel, pianista distinta, abordáva-me muitas veres, com afabilidade por conta da esposa que, segundo me dizia, gostava de me ouvir tocar; etc. etc.

De modo que, ao sair da Escola Pratica de Infantaria trazia as honras de 1.º violino como se saisse do Conservatório Nacional... Que informação confidencial levei para o regimento, não sei; o que sei é que, quando eu e mais oito aspirantes fomos colocados no regimento de Infantaria 23, e o tenente-coronel chamou os capitães para fazer a distribuição conforme a simpatia ou preferencias, eu

fiquei sem pretendente, e fui colocado na 1ª Compª do 3º Batalhão porque o capitão Domingos de Freitas ao ver que cada colega escolhia o seu e me deixávam sem «comprador» disse no fim de tudo:

— Então fico eu com esse que ninguem quer...

E assim foi — no que, aliás, me dei muito bem.

Ora que informação teria eu levado? De bom rabequista de certo que não foi...

Repito: não levo a mal, hoje, que estou velho, que a minha informação fosse fraca; o que levo a mal é que se, na verdade, eu não mostrei logo grande aptidão, a Escola tinha a natural obrigação de me não largar, de me ensinar e de me estimular. Não fez isso, deixou ao abandono quase tres quartos do curso e fez finca-pé em um grupo escolhido como se o curso de aspirantes fosse uma companhia de teatro que seria necessario pôr em boa ordem para o espectaculo final na presença do ministro que, é claro, não faltou no ultimo dia.

Desse grupo escolhido, sem contar com o nº 1, o Manuel Maria Tavares de Magalhães,

que era dos meus favoritos do curso e que foi escolhido, certamente, por ser o primeiro da classificação com que saímos da Escola do Exército, lembro-me do meu patrício Luís José da Mota, estruturalmente caseiro; o meu companh.º de quarto Rebelo de Andrade que ficou como instrutor de esgrima no ano seguinte; o Valdar Ribeiro, espírito muito vivo e desembaraçado mas que me pareceu sem as qualidades essenciais de instrutor; o António Ribeiro Monteiro, nº. 2 do curso; o Alípio Valdez de Passos e Sousa, e não me lembro mais quem.

Enfim, não valerá falar mais no assunto. Mas o abandono a que me votaram deu ensejo a que me lançasse à leitura e, nos meses de verão, munido pelos bosques da Papoda déme largas à imaginação e à fantasia. Não escrevi prosa, não fiz versos, mas passei uns meses passados, sem nada de violento que me excitasse.

Uma ou outra epístola a pronto. As Musas deixáram-me tranquilo e inocente.

Só meses, por excepção, como já disse, acompanhava os exercícios; e lembro-me de que no primeiro em que se fez fogo sim-

lado, estava eu junto do pelotão comandado, salvo erro, pelo Alfredo de Melo Azerêdo (ou pelo Tristão Freire de Andrade?) na encosta poente do alto do Juncal; quando rompeu o fogo e me pareci envolvido no fumo e no cheiro da pólvora pêca, senti sensação nova, estimulante, que, sem querer, me levou a exclamações para o condiscípulo um tanto belicosas de que logo me pareci envergonhado...

Que diabo terão de estimulante o cheiro da pólvora e o fumo que logo nos rodeou, envolvendo como nuvem, a ponto de sentir certa exaltação aguerrida? Lembro-me bem de gritei qualquer coisa para o Azerêdo (ou para o Tristão?) e de que estê afesar de temperamento muito mais positivo e já experimentado na vida, sentia qualquer influência e ainda o estou a ver a incitar os soldados como se, na sua frente, houvesse um autêntico inimigo.

Fenómeno curioso de que me lembrei pela vida fóra e que tristemente comentei em 1919 com os meus oficiais durante a luta contra os monárquicos, apesar de que, com a pólvora sem fumo aperfeiçoada, os tiros não deixávam sinal na fisionomia.

Os sabios que explicaram o valor desse primeiro contacto com o simulacro da realidade e a reacção do cheiro da polvora negra nas compleições pacatas e pacifistas como a minha era e foi.

Nas provas finais, em Agosto, actos que se podem classificar de grande espectaculo, fui apenas mero comparsa — não fosse eu estragar o conjuncto que o illustre e galante Pimentel Pinto veio observar. Entrei simplesmente nas provas de ginastica e de esgrima de baioneta, salvo erro, provas em que entraram todos depois de bem ensaiados.

Nas de tactica abstracta e aplicada, nas nas só entraram os escolhidos e protejidos — o que, para o meu «deixa correr» foi com favor apreciavel. Não nos incomodaram e não nos incomodámos; só fizemos de espectadores e, mesmo assim, nem todos se prestaram ao reduzido papel.

Assim acabaram os onze meses de Pirocinio. No dia 22 de Agosto o ministro Pimentel Pinto distribuiu os prémios e houve festança; em 23 deu-se por findo o Pirocinio com cinco dias de licença para todos poderem gosa-la em suas casas, findos os

quais nos deviamos apresentar no Porto, no Quartel-general da 3ª Divisão onde nos seria dado destino para as unidades do Minho que entrariam nas proximas manobras do Outono. E acabou-se...

Ao largar Mafra, num comboio da noite, fiz naturalmente um ligeiro balanço do periodo que ali passei. Recordo-me de que não tomei parte na lufa-lufa do exodo dos companheiros; fiquei sossegadamente para o dia seguinte.

Fiz as despedidas pacatamente é á noite segui no comboio, só; nesse tempo, o comboio, aí pela meia-noite, ficava na Caldas da Rainha parado umas duas horas, o que dava tempo a ceia na casa de pasto da estação e a um passeio pela vila — e assim pelo caminho, resumindo mentalmente o tirocinio teria chegado á conclusão de que, tirante as primeiras semanas com o capitão Peixoto a que já me referi, eu não adquiri muitos conhecimentos que me impusessem na carreira que ia seguir e de que cheguei ao final com a convicção de que até para se ser bom oficial do exercito seria necessario haver recomendações e certos actos propiciatorios.

O que iria ser a minha vida futura?

Sentia que, do mesmo modo, eu continuava á tona da corrente, incapaz de qualquer esforço para concretizar bem o que iria fazer; ao mesmo tempo que inconscientemente, tal como quando larguei a Escola do Exercito, em mim também a sensação de certa conformidade, levado pelo ambiente que, por muito contrario que fosse, sempre influenciaria o meu espirito em regra pronto para receber impressões novas e ás vezes facil em não descortinar logo o que estava por detraz das aparencias.

Hoje, passado mais de meio seculo, é que vivo, tanto quanto a memoria proporciona, as impressões do momento.

Em 24 de Agosto, dia em que parece que o Diabo anda ás soltas, eu saí de Mafra pronto, oficialmente, para começar a vida pratica. E que levava eu na bagagem para enfrentar essa vida pratica certamente positiva e rude? Levava simplesmente umas vagas teorias ouvidas nas instruções, o abandono dado pelo corpo docente á minha inexperiencia e a fama de violinista romantico...

Era pouco. E agora iamos para manobras, iamos tomar parte em simulacro de

de guerra e, alheios aos problemas complexos de combate de divisões, comandar pelotões regulamentares de 80 homens, impulsionar reservistas deshabituados ao serviço e entrar, sem transição, da pacatez dos exercicios da Papada, á barafunda de milhares de soldados de todas as armas em movimentos de certa amplitude.

A novidade, todavia, atraía-me um pouco e compensava o temor das responsabilidades que iamos tomar. E ao amanhecer, quando os campos do Mondego apareceram exuberantes de milho alto, os vinhedos dos quintalejos que então bordavam a linha férrea, o pitoresco das fiadas de choupos e dos cinceirais, a minha imaginação acalmou um bocado e cheguei a Coimbra se não conformado de todo, pelo menos com a curiosidade algum tanto aguçada.

x

x x

O certo é que em 29 de Agosto, de madrugada, eu e os meus condiscipulos de Coimbra metemos-nos no comboio e chegámos ao Porto a boas horas de almoço e com apetite declarado.

O António Pires Pereira J.or, portuense da gêma, esperávamos em S. Bento, como se havia combinado, e levou-nos a uma casa de pasto onde mandára cozinhar almoço verdadeiram.te á portuense com caldo verde, a genuína dourada e vinho verde espumante. Foi almoço alegre em que se conversou cordialmente e se dissipáram tristezas.

Fomos, depois, ao Quartel-General, saber qual o destino que nos estava reservado. Eu fui mandado para o regimento de Infantaria nº.8, em Braga para onde, daí a pouco, tomei o comboio; encontrei na estação, com o mesmo destino, muitos outros e logo se formou um grupo de três conimbricenses: o Luís de Castro e Almeida, o Raul Silvão Loureiro e eu a que se juntou o bom António Augusto de Morais Machado, de Aveiro, e continuámos ir para o mesmo hotel.

O caminho interessou-me. Nunca passára além do Porto e toda aquela exuberancia minhota, o colorido intenso, a variedade de planos a que alguma neblina tenue dava certas perspectivas, pode bem dizer-se que me cativáram. O Minho apresentava-se com alegria quase excessiva para olhos

habituados á suavidade da paisagem de Coimbra. Ás vezes o comboio saía duma trincheira e logo se deparávam veigas amoenas que se estendiam até encostas ao longe, com pinheirais e com uma crista de rochedos.

Depois, vinham os rios. E que frescura saltava daquelas margens das correntes abafadas por palgueirais! E o Ave tão pitoresco guiado por filas de choupos finos! Eu ia olhando, posso ainda hoje dizer, encantado com a revelação de tais cenarios que, apesar do mês nem tem constante de verdura, não se monotonizam e antes me apareceram variados, com alegria saudavel.

Estas foram as primeiras impressões directas que completaram outras vindas da literatura; o Minho sempre seduziu homens de letras e através destes eu visionava regiões paradisiacas e pensava em percorrer esta região bracarense com minucia, á procura dos lugares tradicionais e de recantos cheios de pitoresco onde a imaginação désse largas á Fantasia — com maiuscula.

A vida absorvente do quartel, porem, limitou-me as aspirações; do Hotel (era o Francfueira, na Praça central em frente do

jardim gradeado e ao lado do velho teatro) eu via todas as manhãs o Sameiro e o Bom-Jesus; das janelas da casaria da minha companhia, via o vasto e empolgante tapete de verdura que de m.to longe, dos lados das terras de Bouro desce para o amplo vale do Cávado; e nas marchas para exercício nos arredores eu ia notando com atenção as estradas e atalhos por onde seguíamos, as quintas com seus muros cobertos de trepadeiras e varandas emgrinaldadas a pedir pincel para quadrosinho romantico.

E com o vicio inveterado do escrevinhador, quer durante as marchas quer nos momentos em que das janelas contemplava as paisagens, eu procurava fixar bem tudo, reparava em certos pormenores com a intenção sempre de fazer prosa literaria. com descrição do que ia vendo, prosa bem cortada, viva, que impressionasse pela clareza e pelo realismo.

Como me lembro bem do meu estado de espirito naquela altura da vida quando a vida, na realidade, começava, e eu sentia com força certa ancia de trabalhar nas letras, de escrever, de publicar coisas!

A continuidade literária a que a vida da Escola Prática me obrigou parece que dava agora lugar exactamente a novo desabrochar das minhas antigas tendencias. Via, á minha frente, o caminho livre a convidar a imaginação e a fantasia a darem largas ás ilusões. Ao marchar na primeira fila do meu pelotão por aqueles atalhos floridos, muitas vezes ensombrados pelas arvores onde a vide se enroscava para cair depois em cachos «de enforcado», eu queria absorver todo o ambiente, toda aquela alegre atmosfera, desde as curvas caprichosas dos montes até ás particularidades do terreno, aos recantos romanticos em que um palmilhar mais de agua dava frescura — para depois, ao recolher a casa, descrever tudo em boa prosa sonora, realista, cheia de vida, que podesse lembrar os quadros notaveis de Fialho de Almeida sobre a vida alentejana...

Nem mais nem menos.

Lembro-me de que uma vez que fomos fazer um exercicio ao alto de S. Gregorio, coisa duns 3 quilometros por lindo caminho arborizado, eu fiquei-me quase extatico, no cimo do monte, a ver a cidade ainda envol

vida pela mesma da madrugada entre verdu-
ra exuberante e quiz fixar o quadro fantas-
ioso para o transmitir no papel em prosa
segura, capaz de aguentar o desbaste dos ran-
gos... Mas, felizmente, não houve ~~[illegible]~~ ou-
gar para tão ardua e gloriosa tarefa...

A propria cidade (onde ainda estive
uns vinte e tantos dias) que eu queria descrever
de forma impressiva, ficou apenas apontada
numa carta, em traços fugidios de que aqui
só deixo um exemplo:

«É boa terra; é mesmo cidade bonita.
Mas não se passa por uma rua em que se
não tope com uma igreja; não se dobra uma
esquina que se não veja uma capela; não ha
largo que não tenha um convento ou trave-
sa onde não existam umas almninhas!...»

E depois de notar que os sinos tocavam
todo o dia por uma coisa ou por outra, termi-
nava assim a descrição:

«Esta gente de Braga, certamente, quan-
do morrer, deve ir directamente p.ª o Céu...»[1]

E pouco mais do que isto

---

(1) A pag. 93 do vol. I dos Passeios e viagens.
Notas ligeiras.

O certo é que estava em Braga, adido ao regimento de Infantaria nº. 8, na 3ª Companhia do 2º. Batalhão, comandada por um capitão de nome Queiroga, creatura tiliosa, pouco trabalhador e pouco educada, mais habituada a tidar com os paisanos e soldadesca do que com gente de mais linha.

Subalternos companheiros da referida companhia eram os alferes Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha, hoje general reformado e o condiscípulo António Soriano Mendes Lage F. depois se formou em mathematica, foi astronomo no Observatório da Tapada da Ajuda, já falecido ha muitos anos.

Com estes dois companheiros fiz as manobras chamadas «do Minho» nos dias 16 a 18 de Fevereiro, numa serra ao norte de Barcelos de cujo nome me não lembro.

Partimos de Braga á tarde; amanhecera cêdo; havia luar explendido; e foi á luz de uma romantica lua que eu vi, pela primeira vez, Barcelos. A minha companhia parou, por qualquer motivo regulamentar, na ponte sobre o Cávado — e eu ainda tenho nos olhos a extraordinaria belleza daquele cenário, do conjuncto do casario a que as

ruínas dos paços dos duques de Bragança dava certa imponencia e do bucolismo do Cávado, em baixo entre penedias e chorões compactos a reflectir a lua se me não engano na sua maxima fase.

Amanheceu já na serra, no local onde se ia levantar o bivaque; e eu então vi o largo panorama para sudeste, tanto quanto a neblina deixava, de grande suavidade; para sul, verdejante com exuberancia e para oeste, limitado pelo mar até á nodoa branca do aglomerado de Viana do Castelo. Pode dizer-se, sem receio, uma belera.

Das manobras, propriamente, já nada sei dizer. Lembro-me de que, alem dos 90 quilometros que tivémos que percorrer a pé em pouco mais de tres dias, não deram grande trabalho. Se me não engano o nosso batalhão constituiu reserva e, por consequencia, poucos movimentos tivemos.

Aquilo foi mais ficção do que outra coisa, possivelmente para efeitos politicos em que era habil o galante Luis Augusto Pimentel Pinto então ministro da Guerra.

A missão da m.ª companhia não saiu muito fóra da encosta e cumeada da

serra onde bivacámos; e depois da parada final a que presidiu já me não lembro quem, fizemos a marcha de regresso para Braga e voltei a ver Barcelos iluminada então por um rico sol quente e claro.

Desse ultimo dia de manobras deixei umas impressões em carta que posso transcrever para regalo de futuros possiveis leitores destas memorias. Já não sou capaz, a esta distancia de mais de meio seculo de dar pormenores; as impressões q. aí ficam, porem, foram escritas um mês depois e por consequencia dão certa confiança

Aí ficam, pois:

« Faz hoje um mês que eu, com o regimento de Infantaria nº 8, atravessava a pé, envolvido por nuvem branca de poeira, uma das mais belas partes do Minho por um dia claro e quente como o de hoje.

« Tocou a alvorada ás 4 h. e meia da manhã; o ceu ainda estava estrelado, muito brilhante, e no alto da serra escondia-se a lua ainda redonda. A estrela de alva, a linda estrela dos pastores, lá estava para o outro lado, muito viva, a lutar com os primeiros

clarões do sol que não tardaria a aparecer. As fogueiras do bivaque ainda estavam a arder; a tenda estalejava, um pouco humida pelo orvalho da noite. As sentinelas, sonolentas, encostávam-se as espingardas; e eu, ao acordar, senti no rosto uma aragem fria e cortante que me arrifiou.

«Havia um silencio enorme em todo o acampamento; se alguma coisa se ouvia era, de certo, o estalejar da tenda nas fogueiras das cosinhas e o respirar de 1:800 homens que ali dormiam estendidos sobre o mato e o lojo — que foi, nessa noite, a nossa cama.

«O toque de alvorada cortára só esse silencio, fazendo despertar os ecos da grande serra onde estávamos; um ou outro cavalo rinchou de impaciencia. E mais nada.

«Eu senti, sinceramente, que havia naquilo tudo certa grandeza. Não o saberia explicar, mas sei que dentro em mim, inesperadamente, houve uma funda admiração pelo espectaculo que tinha deante da vista e que pela primeira vez me impressionava.

«Depois, a pouco e pouco, começou a sentir-se movimento; vozes dum lado, vozes do outro; á luz das fogueiras viam-se

passar vultos, por entre as tendas, embuçados por causa do frio. Começáram a ser arreados os cavalos e as muares das viaturas; e a estrela d'alva ia perdendo o brilho a pouco e pouco. O frio apertava; uma aragem do mar parecia que cortava a pele e eu, embrulhado no capote e com o pequeno barrete de serviço pela cabeça abaixo, tal como tinha dormido sobre o tojo e a carqueija, comecei a vaguear, com curiosid.e, pelo acampamento.

«Em pouco tempo tudo se poz a pé; começou, então, o movimento a valer e os soldados, bocejando e ainda tontos de sôno, aproximávam-se das fogueiras das cosinhas onde estava, desde a meia-noite, o café já feito em grandes panelas, para não arrefecer.

«O sol já ia então dando luz bastante; o alto da serra começáva a branquejar e as estrelas iam sucessivam.te desaparecendo. Nos vales havia nevoeiro denso; por sobre o Cávado, ao sul, pairava a neblina intensa, quase como nuvens que caíssem do céu para ali se condensárem; e lá ao longe, muito ao longe, avistava-se Braga sobresaindo da verdura dos arredores. Era para ali que nós iamos, acabadas as manobras, feito o

o nosso triste dever. Restava-nos voltar, cançados e sonolentos, pelo mesmo caminho. E era isso o que iamos fazer.

« Realmente o dia aclarava muito; distribuído o café, levantáram-se as tendas e formou-se o regimento.

« Eu, enquanto vagueáva pelo bivaque vi um regato de agua limpa que nascia perto; uns soldados lavávam-se com delicia e eu não resisti á tentação. Tirei o capote, despi a farda, a camisa e a camisola; e enquanto sentia o frio arripiar-me a pele, ia-me lavando com sensação agradavel de quem ha dois dias quase o não fazia! A agua que nascia entre rochas, vinha frigidissima; mas ali, naquela situação, depois de dois dias de trabalhos continuos, teve o efeito dum belo jantar depois de um dia de fome.

« Acabava os meus arranjos quando tocou a reunião; larguei o capote que ia dentro da mala, no carro das bagagens, troquei o pequeno barrete pelo Képi; puz a tiracolo a bolsa regulamentar, o cantil, e afivelei por cima o cinto com o revolvér. Calcei luvas sujas e rotas e tomei, com toda a consciencia, o comando do meu pelotão.

«O sol já tinha aparecido e formava estão quente; a encosta da serra brilhava com as gotas de orvalho caídas no mato. No local do acampamento apenas se via a cinza das fogueiras apagadas e um ou outro montículo de palha perdida pelo chão.

«Alguns curiosos apareciam, madrugadores; e a névoa ia a pouco e pouco desfazendo-se nos vales, desaparecendo pelo ar em pequenos flocos transparentes.

«Eram 6 horas e meia quando o comandante mandou tocar a avançar.

«O regimento começou a marcha; a banda fez ouvir um ordinário alegre e os três batalhões seguiram pelos atalhos para a estrada que nos ia levar a Barcelos por entre pinheiros bombrios, deixando ver, para sul, algumas veigas fertilíssimas que denunciávam a aproximação do Cávado.

«A marcha foi penosa, como, no fim de contas, é sempre penosa uma marcha de sete leguas por estrada cheia de poeira e debaixo de sol quente, quase de verão.

«Ás dez horas chegámos a Barcelos e atravessámos a grande ponte de alvenaria sobre o rio Cávado, pitoresco na verdade. De-

Mais atravessámos Barcelinhos na margem esquerda e daí vimos a vila de Barcelos, bonita e alegre, edificada sobre rochas, estendendo o casario pela margem fóra, a montanhê da gente. Começáva, então, uma ladeira e eu sentia que ainda nada tinha comido depois do pucaro de café ás 5 da madrugada. Comecei a sentir a fome...

«Andado cerca dum quilometro entrámos num pinhal; e ali, ensarilhadas as armas, deu-se uma hora de descanço a toda a gente. Tirei então da bolsa a unica coisa que consegui arranjar: um bife dentro de um pequeno pão. E comi com gula este insignificante farnel como se fosse um bom jantar. E tinha que ser o unico alimento até Braga onde chegámos ás 4 horas e meia da tarde.

«Para que descrever a marcha de Barcelos a Braga? Marcha fastidiosa, dentro de uma nuvem de poeira, debaixo de grande calor e com sêde devoradora. Os soldados lançávam-se aos regatos que encontrávam como uns doidos; muitos, estenuados, ficávam desmaiados nas valetas, á espera das ambulancias. O soldado do Minho é fraco; mas tam-

bem é verdade que Braga não aparecia por mais que todos nós caminhassemos pa-
ra lá...

«Cheguei, finalmente, a Braga ás 4 ho-
ras e meia da tarde, todo branco de poeira,
com a cara negra ou quase negra e queima-
do pelo sol, cheio de sêde e de fome... e bas-
tante ruoído. Suportei sem dificuldade tu-
do mas confesso que o que mais custou foi
o não comer...

«E aqui está o que por lá passei, ha
cem mês, dia por dia. E hoje, então, passe-
gadamente na minha terra, escrevo isto no
meu quarto, rodeado das minhas estantes de
livros, ouvindo minha Irmã, lá em baixo,
tocar uns noturnos de Chopin.»

Coimbra: 18 de Outubro de 1903.

E assim fui iniciado no simulacro
da guerra, com a compensação de que tudo
foi rodeado de belas paisagens, de ruinas
pitorescas, de estradas e atalhos cheios de bu-
colismo, a pedir tranquilidade e alegria.

Por toda a parte a aparencia de fartu-
ra, a belera romantica de recantos em que
uns regatos cantavam por debaixo de folha-

geru cofada. Apesar do frieira e do natural cansaço, cheguei a Braga cheio daquela alacridade de que está empregnado o ambiente. É possível que fosse a novidade dos cenários minhotos que me impressionasse mais; no entretanto, figurei sempre com o encanto do Minho bem seguro na minha memória.

É assim, no dia 20, recebemos guia de marcha para as respectivas unidades; e ao passar pelo Porto o Raul Loureiro congeminou do chefe do Estado-maior da Divisão cinco dias de demora.

Só fui eu 28 de Fevereiro, quatro anos passados, dia por dia, do meu assentamento de praça em Viseu, fiz a apresentação em Coimbra, no regimento de Infantaria 23, como alferes da 1ª Comp.ª do 2º Batalhão comandada pelo capitão Domingos António dos Santos e Freitas, de quem todos em quem todos diziam mal.

Contou-me este capitão, depois, que quando a Ordem do Exército que colocou os aspirantes no regimento chegou à secretaria, o tenente-cor.el chamou os capitães para a distribuição daqueles pelas companhias

conforme a vontade ou má vontade dum e doutros. Os aspirantes eram nove, tantos como as companhias; e como já havia pedidos e recomendações supondo parece, em da qual indicou o pai e no fim verificou-se que o meu nome não entrou nos favorecidos; o Freitas, então, disse para o tenente coronel ironicamente:

— Então fico eu com esse que ninguém quer...

E assim fiquei na 1ª de 3ª por nenhum dos outros capitães me desejar — como o que, valha a verdade, nada perdi.

Este Domingos de Freitas era bom oficial, inteligente, paladar, com certa cultura geral; a sua companhia distinguia-se pelo arranjo da caserna e parte dos soldados; mas, com todas estas qualidades, tinha vários calcanhares principalmente na sua vida particular que não era modelo. Em várias comissões de serviço quer militares quer civis foi sempre correcto, com bom senso e justo e desembaraçado; tinha boa orientação no trato com os seus subalternos; mas... a vida particular é que era muito mal orientada, não sabia (ou não poderia) manter

o equilibrio das receitas com as despesas e daí uma situação difícil em que ficara para viver.

Era viuvo ha muito e tinha dois filhos do matrimonio; mas vivia com uma amante, mulher casada, de quem tinha duas filhas e um filho; e além disso, apesar de não ser novo, tinha o vicio da «conquista» no que gastava muito dinheiro.

Ás vezes apareciam no quartel, a procura-lo, umas mulheres já velhas que depois vim a saber que eram alcoviteiras e dalguma aventura chegou mais tarde a ter conhecimento. Neste sector era incorrigivel o que o levava a contrair dividas que dificilmente pagava, quando pagava.

Porem, como disse, orientava bem os subalternos que vinham soffre a ficar pelo amigos. Eu fiquei-lhe devendo certos ensinamentos que me serviram para toda a vida; e a verdade é que, com o tempo, soube que os oficiais do regimento me consideraram e modificáram a impressão que não sei por que vias os levou a regeitarem-me por unanimidade quando o Tenente-coronel deu a escolher os aspirantes.

Nunca vim a saber, nem me preocu
pei com isso, qual a informação que vinha
da Escola Prática de Mafra que, possivel-
mente influenciaria os capitães. Ou então
terei de admitir que a fama de inconformis
mo, de republicano ou quem sabe, até, se de
anarquista (como mais tarde veio a afir
mar-se) não andaria atrás e adiante de
mim e atemorizasse os ilustres defensores da
Pátria, da Monarquia e da Sociedade tal co-
mo estava constituída.

É possivel que houvesse de tudo um
pouco; e não levantarei falsos testemunhos
se disser que dos proprios condiscipulos po-
deria derivar por maneira vaga, subtilmen
te, alguma parcela da sua fama.

Tudo é possivel neste Mundo...

A atmosfera da Escola do Exercito e de
pois a de Mafra, deixou no espirito de mui
tos um sulco dificil de desaparecer ou nive
lar; e por muito que os filosofos humanitá-
rios digam e afirmem que o homem é, por
natureza, bom, eu não sei se deva acreditar,
pelo menos sem outra reserva, essa afirmação
que corre mundo. Hoje, com todas as desi-
lusões da vida e o conhecimento das coisas

que a idade em regra confére, ponho, francamente, certas duvidas.

Mas vamos lá adeante.

Estava, pois, no regimento de Infantaria nº 23 e ia começar a vida regimental que para mim se revestia de certo misterio e me aguçava vaga curiosidade.

O que iria ser essa vida regimental?

Como quando saia da Escola do Exercito o meu espirito tão cheio de contradições continuava na mesma.

Escreveu Renan que « presque tous "nous sommes doubles »" e com efeito o sangue complicado que me gira nas veias dificultava-me, bastante, a existencia. Vejo agora, com pesar mas tambem com indulgencia, o meu estado de espirito nesse tempo: havia um tanto ou quanto de indiferentismo que me fazia andar na vida sem uma decisão consciente ao mesmo tempo que certa curiosidade e facilidade que sempre tive de adaptação me levávam a esperar possibilid. de conformismo.

Hoje, admiro-me de como foi possi-

vel essa esperança; a verdade, porem, é que entrei no regimento em 28 de Novembº de 1803, a seguir ao almoço, seriam 11 horas da manhã, sem convicção de qualquer especie, levado na onda que arrastava já ha algum tempo e que me continuaria a arrastar e que ainda, ao fim de quase 36 annos de travessuras, me havia de submergir definitivamente.

Lisboa e Coimbra:
24 de Novembº de 1956
a 7 de Abril de 1957.

II

«... Dis, qu'as tu fait, toi que voilà,
De ta jeunesse?»

Paul Verlaine: Sagesse

Com a apresentação no regimento no dia festivo dos anos dos reis portugueses, entrava definitivamente na vida militar.

Já me não lembro se, ao subir os primeiros degraus da portaria do quartel (entrão ainda no colegio da Graça, na rua da Sofia) eu hesitei, cautelosamente, o pé direito. É possivel... Levado ainda por certas superstições ou calistapeus trazidas da Escola do Exercito, é possivel q.e o fizesse. Não me recordo já.

O certo é que entrei e fiz as apresentações da ordenança findas as quais subi da parte do capitão Domingos de Freitas, ao ins-

truções necessarias para bom governo no serviço de subalterno. Levou-me á caserna, ás arrecadações, mandou formar a companhia para os soldados me conhecerem e assim me investiu nas respectivas funções. E tudo com muita ordem, com metodo, falando com bons modos embôra um tanto sêcos como era aliás natural nestes primeiros contactos em q. me não conhecia e naturalmente desconfiá-va, dado o repudio do meu nome quando os capitães fizeram a escolha.

A verdade, porem, é que fiquei com boa impressão e isso, até certo ponto, compensou-me do receio de ir encontrar creatura incorrecta e biliosa como em Braga e ainda da incerteza que se me apresentava no futuro.

Com o tempo vim a verificar que este Domingos de Freitas tinha certo prestigio no regimento, mas prestigio que o tornava antipatico á maior parte dos oficiais. Notei tambem que estes lhe tinham respeito porque a sua conduta na unidade era insuspeita, sempre dentro dos cânones, sem ligar grande importancia aos outros.

Assim, a minha presença entre os oficiais, de começo, era rodeada de certa es

pectativa curiosa; como fazia parte de companhia mal vista, era natural que me envolvessem, mesmo sem provas, nessa desagradavel antipatia e desconfiança — que, afinal, depois se modificou.

O ambiente regimental, verdade verdade, não me deu muita satisfação, em parte pelas razões que aí ficam, em parte por notar logo nivel intelectual bastante inferior.

Como era dos mais modernos, creio até que o mais moderno na escala, fui logo nomeado para os serviços normais do quartel como prevenção, ronda, etc. — serviços que ficaram devidamente mencionados no volume do meu curriculum vitae militar. Comecei então a travar relações com os oficiais, quase todos gente anonima que ia arrastando a vida conforme podia.

No meu entender, sobresaiam naquele conjunto, alem do meu comand.te de companhia, o capitão José Ferreira Martins, antigo ajudante do regimento, recentemente promovido e comand.te salvo erro, da 1.a companhia do 2.o Batalhão; e o celebre Homem Cristo que comandava a 2.a do 3.o e era, por assim dizer, o gato bravo naquela capoeira.

O Ferreira Martins era homem sério, estruturalmente regulamentar, disciplinador, correcto no trato, pouco dado a conversas; com o tempo, veio a dar-se comigo e não direi amigo, mas a ter por mim certa estima. Era doente e morreu tuberculoso já depois de reformado; os cuidados que tinha com a saúde tornaram-no, por vezes, um pouco azêdo; mas noutras ocasiões era afável e mostrava certo espírito irónico.

Quanto ao outro, ao Mariano Cristo, é creatura muito conhecida e, já nesse tempo, tinha a fama de jornalista vigoroso, polemista, e muito culto. Na verdade, no regimento, aparecia pouco na sala dos oficiais e recolhia-se, normalmente, no seu quarto de comando, no 3º pavimento, e por consequencia afastado do bulicio, a ler ou a escrever. Era o director das escolas regimentais e da biblioteca e como tal fez aquisições de livros excelentes, modernos, sobre historia militar, especialmente do periodo da Revolução Francesa, e alguns de historia diplomatica do seculo XIX que lhe serviam para os artigos n'O Povo de Aveiro, com bastante ofensivo e defensivo.

Lidei com ele pouco porque era pouco accessível; mas muitas vezes coincidiu o meu serviço de subalterno quando ele entrava de inspecção e ás tardes, depois do jantar sempre concedia um pouco de palestra para fazer a digestão.

Dormia muito pouco; dizia que lhe bastavam três a quatro horas de sôno e isso dava-lhe superioridade sobre muitos outros pois o tempo disponivel para trabalho era muito maior do que para aqueles que necessitavam de dormir oito a dez horas.

Quando entrava de serviço com ele, pedia-me para ficar alerta de noite, durante as três a quatro horas em que dormia; depois, dispensava-me de tudo até de manhã e ele ficava a ler e a escrever descansadamente.

Fiquei-lhe devendo o conhecimento de varios livros que me modificaram a maneira de encarar a historia militar. Como notou em mim vontade de saber, um dia disse-me, na sua linguagem rude, ao referir-se aos nossos historiadores militares:

— São umas bestas!... Não percebem nada!... Você, se quer escrever alguma coisa leia primeiro uns livros que tenho lá em ci-

ma na biblioteca. Isso é que são livros! Não se guie pelos nossos historiadores, etc. etc.

Era assim a sua linguagem.

De facto, fui a biblioteca regimental e requisitei uns livros que ele indicou, o primeiro dos quais foi L'education militaire de Napoleon por J. Colin. Li com certa avidez este e outros trabalhos como os de Chuquet e Garnon e ainda hoje conservo a impressão recebida que foi grande, impressão de mundo novo ou de claridade que entrasse em quarto escuro.

É certo que essa bafarada varredoira não destruiu por completo a influencia ominosa que me deixou o Dr. António de Vasconcelos; no entretanto a compreensão dos graves problemas e da evolução dos conhecimentos militares, tornou-se mais nítida e com o tempo se foi aperfeiçoando tanto quanto foi possível e deixando para trás o Vitoriano José Cesar ou o Alfredo Pereira Taveira, considerados, então, os mestres.

Comecei lentamente e vagamente a preocupar-me com o problema das ideias que só mais tarde se concretizaram com alguma nitidez — o que levou o velho Gonçalo

Pereira Pimenta de Castro, um dia qualquer do ano de 1936, quando eu estava em Alerantes, a dizer para o então major Herculano do Amaral, do regim.to de Infantaria 2, que encontrou casualmente em Lisboa:

— Vocês teem lá agora na guarnição o Pimenta das ideias...

O major reproduziu-me a frase e, com a sua ingénua incultura, perguntou-me o que é que aquilo queria dizer... E eu, com paciente boa vontade, expliquei.(1)

Mas a verdade é que devo ao Homem Cristo, em grande parte, pela revelação daqueles e outros livros, a evolução da minha maneira de escrever história. É possível que eu, notando na biblioteca do regimento aquelas obras ás lêsse um dia por minha iniciativa; mas o que me não custa dizer é que o impulso foi dado pelo violento jornalista que, apesar disto tudo, aí por 1933 me veiu a chamar patetóide no Povo de Aveiro — patetóide, nem mais nem menos!(2)

---

(1) Este major Herculano do Amaral, passados anos foi promovido a brigadeiro...

(2) Ver no Diario, pag. 30 do vol. de 1933 a 1937, anotação circunstanciado do caso.

É possível que este epíteto fosse a paga duma crítica que fiz ao seu livro Pro Patria, em 1905.

O caso foi o seguinte:

Quando entrei no regimento estava em perfeito andamento o ensino das primeiras letras pelo método de João de Deus aos soldados recrutas analfabetos, ensino preconizado pelo Homem Cristo em grandes artigos de O Povo de Aveiro como panaceia para curar os males do País.

O meu capitão Domingos de Freitas aceitou a ideia e organizou o ensino quase sempre á noite, ministrado pelo 1º sargento Beja da Silva que aprendêra, com outros sargentos, numas lições dadas pelo proprio Homem Cristo que, na verdª, conhecia bem o método.

Eu entrei, tambem, na tarefa e dirigia as lições dos soldados que já sabiam ler e escrever alguma coisa.

De facto, o trabalho dava resultado e era meritório; mas tomava muito tempo não só aos instrutores como aos proprios soldados que ficávam assim privados quase das tardes para o descanço das instruções do dia. Mas não se desanimava e durante dois anos

seguidos na minha companhia ensinou-se com vontade e com certa eficiencia.

Porem o Flaviano Cristo quiz sempre fazer valer, com exagero, a sua iniciativa e, a meu ver, foi nisso um tanto ou quanto charlatão; o reclamo que fazia era ao seu proprio esforço e alterava bastante a verdade para se elevar e insinuar a má vontade dos outros que o contrariávam.

É certo que, no regimento, alguns oficiais não davam instrucção das primeiras letras aos recrutas porque, diziam, não eram professores primarios — eufemismo que encobria o comodismo e alguma animosidade ao colega que ainda cheirava á revolta de 31 de Janeiro. Mas tambem é certo que este, com a basófia de inovador e de educador tornava-se antipatico pela sua jactancia de salvador do analfabetismo e irritante elevação da sua personalidade. Etc. etc.

A certa altura, aí por 1905, surgiu o livro Pro Patria que fez certo barulho na imprensa e ~~alguns~~ causou certos reparos no regimento onde foi lido e comentado desfavoravelmente. Na realidade o Flaviano Cristo fazia alarde de muita coisa que nós todos pa-

tinamos ser falsa; de modo que o que havia de simpatico e meritorio no enthusiasmo de ensinar os recrutas, era um pouco empanado por isso; e se o livro merecera a muitos entusiasticos louvores, para os da esquerda, só merecera commentarios adversos.

Emfim, um dia, depois de ler o livro q. ainda conservo com interesse, e conversando acerca dele com o meu capitão Domingos de Freitas, disse-me este com certo ar velhaco:

— Oh meu alferes: e se nós déssemos uma tareia no Homem Christo?

Ele, Freitas, era então um dos directores da Folha de Coimbra, orgam local do partido do João Franco; e isto foi aí por Maio ou Junho do dito anno de 1905. Eu olhei para ele, um pouco surprezo, e perguntei:

— Tareia, como, meu capitão?

Ele apontou para um exemplar da Folha que tinha sobre a mesa e respondeu simplesmente:

— Está á sua disposição...

Eu fiquei-me a pensar. Na realidade, ao terminar a leitura do livro, tinera impetos de escrever qualquer coisa; mas como o homem era capitão não me quiz meter no as-

sunto sem mais nem menos e deixei passar a comichão de polemista.

Agora, porem, com a oferta, o caso mudava de figura. De novo me seduziu a polémica e respondi:

— Está bem... Vou pensar nisso...

E não demorei muito em fazer o plano. A 28 de Junho saía o primeiro artigo intitulado O livro Pro Patria do sr. capitão Homem Cristo. Seguiram-se outros, ao todo dez, o ultimo dos quais saiu a 9 de Agosto.

Foram, na realidade, contundentes e depois soubémos que o visado se incomodou bastante com eles e atribuiu-os ao Domingos de Freitas, o que era verosimil por este ser um dos directores do jornal. Hoje, relendo-os, quero crer que haveria em muitos passos alguma injustiça, fruto de certo entusiasmo da idade e que haveria tambem algum exagero consequencia do mesmo estado de espirito. Fundamentalmente, a critica estava mais ou menos certa e os factos apontados eram verdadeiros; mas hoje concordo que poderia ser mais moderado e... vamos lá! um pouco menos ingrato para quem me abriu os olhos a respeito da historia militar.

Verdeiras dos vinte e tal anos.

E' claro que o Homem Cristo se não calou e no nº 1113 de 13 de Agosto de O Povo de Aveiro, na 2ª. pagina, em quatro colunas de prosa carrada, deu uma tunda em forma no «trapalhão» que escreveu os artigos — mas tunda em que se pentê gosou á vontade. Bravejou com a linguagem descomposta de que usava e defendeu-se mal.

Tempos depois o Homem Cristo veiu a saber que o autor dos artigos era eu. Um filho do capitão Domingos de Freitas, também chamado Domingos, um garotão levado dos diabos, surpreendeu no escritório do Pai uns linguados com a minha letra e para se vingar de qualquer repreensão paterna foi mostra-los ao Homem Cristo. Este deixou de me falar mas viu a saber que os artigos o magoáram muito.

E' daqui que deverá vir o tal epitéto de patetóide com que me mimoseou.

Mas revertendo...

O resto da oficialidade do regimento era mais ou menos gente anónima.

O coronel Guilherme Augusto Vilário de Freitas era homem distinto, um tanto ou

grande jarrão e, quero crer, que pouca grande bagagem de cultura geral; era boa pessoa e de grande correcção de maneiras. Com quem de 1904 passou á reforma.

O meu commandante de batalhão era o major António Fernando do Rego Chagas, algarvio, creatura cheia de atenções para com todos, boa pessoa, muito cumpridôr se bem que ás vezes muído de mais. Dizia-se á boca pequena que era republicano; e de facto, depois de proclamada a Republica foi considerado homem de confiança. Foi meu amigo, mais tarde, e fiquei-lhe devendo atenções.

Havia o bondoso e intelligente major Joaquim Maria Ferreira, meu primeiro commandante de companhia quando soldado; o empertigado e calvo capitão Julio Pereira Girão, o Pereira de Lemos que fôra commissario de policia em Coimbra, o realheco Boaventura de Moronha cheio de basofias tôlas, etc. etc. gente que não vale a pena estar aqui a mencionar mesmo interessará o leitor.

Por Decreto de 15 de Novembro de 1903 fui promovido a alferes. Continuei na mesma companhia onde fiquei com o n.º 8 de matricula e prestei com os outros alferes promo-

vidos o devido juramento solêne, em 29 do mesmo mês, perante toda a oficialidade, fardada de grande uniforme — para maior imponencia. Estava, pois, definitivamente, oficial do exercito português que a retorica nacional classificava, e ainda hoje classifica, de glorioso. Assim será.

Ora no dia 4 de Dezembro de 1903, como era o mais moderno dos alferes, fui nomeado para uma delegencia a Arganil, para acudir a umas eleições da Misericordia local, muito renhidas, manobradas pelo então provedor da mesma, Francisco Inacio Dias Nogueira, de Gois, politico regenerador em evidencia, homem muito inteligente, industrial de papel da fabrica da Ponte do Sotam, creatura de grande actividade e empreendimento muito acima das suas possibilidades e do acanhado ambiente em que se movia.

Foi a uma sexta-feira (mais outro dia aziago na minha vida!) que amanheceu fria e chuvosa. Segundo o costume e a obrigação, fui depois do almoço para o quartel, sossegadamente, embrulhado na capa por causa da chuva e do frio.

Seria uma hora e meia da tarde, estava eu na instrução duma escola de recrutas quando me foram chamar para ir á secretaria. Fui: o major com amabilid.e e cara triste disse-me que viera ordem para marchar imediatamente uma força para Arganil. Olhei para a janela: a chuva caía serenamente mas com ~~[illegible]~~ abundancia; e pensei que Arganil ficava a uns 60 quilometros de distancia pouco mais ou menos...

— Có os diabos! murmurei. Que haverá em Arganil de sério para ir uma força a correr, por aí fóra, debaixo desta chuva toda?

O que sei dizer é que (lembro-me bem de tudo!) aí pelas 3 horas e meia para as 4 da tarde já eu estava de volta ao quartel, em ordem de marcha, depois de ter ido a casa e arranjado á pressa uma pequena mala para seguir pela deligencia e depois de ter passado pelo Quartel-general para receber a guia de marcha que o meu impedido, para adeantar serviço, lá fôra levar.

Ás quatro horas, a força já estava formada; eu recebi as instruções necessarias, o dinheiro suficiente; e talvez inconsciente-

mente, senti vaga satisfação por me acontecer (aquela) aventura — satisfação, de certo, filha da curiosidade natural dos vinte anos... Era, de facto, uma novidade na minha vida! Ia para o desconhecido em tarde agreste, debaixo de chuva copiosa! Uma autêntica aventura digna, depois, de ser contada em boa prosa...

A minha guia de marcha dizia que a diligencia tinha por fim «auxiliar a autoridade "administrativa na manutenção da ordem pu-"blica nos dias 6 e seguintes, devendo ali estar "(em Arganil) na tarde de 5 do corrente...» o que equivalia a dizer que deveria chegar no dia seguinte, isto é, quase uma marcha forçada.

Levava comigo desoito soldados, dois cabos, um corneteiro e um sargento: ao todo 23 homens. Passei rapida revista á força, despedi-me do oficial de dia e... ála!

A chuva amainára um pouco; havia um ou outro rasgão nas nuvens. E lá vou eu rua da Sofia fóra, Visconde da Luz e Calçada, chapinhando na agua, até entrar na Estrada da Beira onde passámos a pisar lama. Ás portas dos estabelecimentos vinha gente como quem interrogava: o que haverá? pois áquela hora e com tão máu tempo

alguma coisa havia para uma força ou or-
dem de marcha seguir estrada fóra. Na Es-
trada da Beira, lembro-me bem, a Preiden-
cia Tavares da Costa, depois casada com o Dr.
Barras e Silva e mais tarde uma das inspi-
radoras dos movimentos reaccionarios e «pe-
gunda metade», como ela dizia, do Salazar, ia
para casa, bem agasalhada e com chapeu de
chuva aberto; ao ver-me, diz-me com ar es-
pantado e inquisitivo como era seu feitio:

— Para onde vai você com este tem-
po assim?

Disse-lhe, brevemente, o destino; ela
respondeu qualquer coisa que já não ouvi
bem mas que pelo gesto que acompanhou a
frase devia ser de protesto. E tinha razão: pa-
ra satisfazer a vaidade de um politico de vila
sertaneja e protejer qualquer falcatrua eleito-
ral, iam ali sete e tres homens que não ti-
nham culpas, á chuva e ao vento, com itine-
rario marcado na guia de marcha para estar
no dia seguinte em Arganil ao anoitecer,
depois de percorrer 60 quilometros a pé —
ou sejam 2 quilometros e meia á hora

Eu era então novo e, poderei dizer,
saudavel; e se bem que sentia o pêso do ser

viço que ia fazer, o inédito da situação e a má
tural curiosidade compensavam o desagra-
dável da marcha naquelas condições.

Deveríamos, nessa noite, ficar em Poi-
ares, a 26 quilometros de Coimbra; atraves-
ámos a fronte da Portela já de noite; o céu,
de novo, toldou-se e continuou a chuvis-
car; mas como estavamos quasi na lua
cheia, havia bastante claridade.

A marcha fez-se, de cansaço, com des-
canços até S. Frutuoso, a 12 quilometros; já
iamos molhados e os rapazes precisávamos
um pouco de repouso; entrámos numa ta-
berna do lugar onde mandei dar aguarden-
te e passados uns vinte minutos a mar-
cha continuou, debaixo de chuva outra vez
fustigada pelo vento que vinha encanado pelo
vale do Vouga. E para o quadro ser comple-
to, o rio lá em baixo rouquejava nos açu-
des altos.

A lua, de vez em quando, dava certo
brilho á estrada enlameada e eu via os ho-
mens outra vez adeante de mim como a es-
preitarem sobre um espelho. O corneteí-
ro que era rapaz alegre, uma vez por outra
para animar a marcha, tocava uns com-

passos de qualquer das suas "arias" que iam ecoar pelas encostas; algum dos soldados de animo mais vivo, cantava ou cantarolava de vez em quando, para entreter o tempo como eles diziam; um, que era de Lorvão, contava historietas das freiras do convento; outro que era de Midões, lembráva as aventuras do João Brandão.

E assim a marcha foi seguindo; quando passávamos na velha estalagem das Ribas, estava parado um trem, com uma familia que seguia para o alto-distrito. Ouvi, nitidamente, lá de dentro, vozes que nos lastimavam: «coitadinhos! coitadinhos!» E a seguir veiu a ladeira, em curvas, até Segáde; o Ceira, branco de espuma, transpunha os açudes com fragôr e o vento justigava-nos cada vêz mais. Não havia onde descançar e, como iamos molhados, todos concordávam que era melhor seguir assim até final.

Ás 9 h. e pouco chegávamos á aldeóla da Ponte Velha; havia uma loja aberta felizmente; entrámos e descançou-se cerca de meia-hora; distribuí agua-ardente aos que quizeram aquecer; outros comeram

qualquer coisa — e depois lá seguimos, estrada fóra, debaixo da chuva que nos não largáva. Iamos, já, todos encharcados e em todos os rapazes, no começo tão animosos, entrava o natural cançasso.

Felizmente, daí a pouco, uns quilometros andados estavamos no chamado Entroncamento, onde a Estrada da Beira cruza com a que do Lourêdo segue para Goís. Seriam 11 horas aproximadamente.

Dum carro que ali estava parado saiu o velho amigo Francisco Correia da Costa, da Ferreira, que me esperava com um empregado da Administração do Concelho. Este estava para me indicar que o boleto da força era em S. Miguel de Poiares, em casa do velho fidalgo Godinho ao tempo administrador do concelho; aquele para me levar para sua casa e agazalhar-me hospitaleiramente.

No solar do velho Godinho, os soldados encontraram numa vasta adega umas fogueiras crepitantes p.ª se aquecerem, uns grandes caldeirões suspensos das traves onde fumegava uma excelente sôpa e m.tos molhos de palha, abundantemente espalhados, para poderem dormir com relativa

comodidade. Foi uma consolação para todos, ao fim de 27 quilometros de caminhada com chuva constante no lombo.

Belo tipo de fidalgo rural antigo, este Godinho de S. Miguel de Poiares! Ainda o estou a ver, desenfreiado, com a sua barba branca aparada com cuidado, maneiras dis tintas, a providenciar para que nada faltasse á soldadesca. Pela primeira vez encontrava uma figura viva que até então só conhecia dos romances.

Depois de ver os homens satisfeitos e resolvidos ao conchego das camas enfarinhadas, aceitei a oferta do velho Correia de Costa e segui no carro com ele para a Ferreira — onde me esperava a conhecida casa hospitaleira.

Depois de cumprimentos á familia, comi uma saborosa canja que me soube divinamente acompanhada da respectiva galinha; e a seguir a tipeira conversa que tivemos acerca da marcha penosa que fizémos, deitei-me numa cama antiga de varandas, em que mal concilieí o sôno ao saber que o tempo piorára e que não era só a chuva serena que caía, mas que co-

meçava a desencadear-se vendaval bem forte que fazia bater as vidraças.

O meu hospedeiro, o velho Francisco Correia da Costa era um antigo amigo de meu avô Manuel Caetano da Silva que apesar dos seus oitenta e tres anos se mostrava activo, vivo e desembaraçado. Homem alto, fronte ampla que denotava franqueza e sinceridade, cabelos brancos e uma bela barba toda branca, muito fina, á moda antiga. Ainda naquela altura, quando apanhava o tempo de feição, ia a pé até Coimbra como se os anos lhe não pesassem.

Fôra patuleia, comandára guardas nacionais que cairam em Coimbra quando a revolução alastrou; fez marchas e contramarchas e desse tempo conservou o espirito liberal que ainda lhe conheci e manteve certa importancia politica no concelho até muito tarde. Depois, com a velhice deixára a vida activa para se entregar ao amanho da sua casa, vigiando as fazendas, ouvindo os caseiros e conversando de vez em quando na séde do concelho (S.to André) com os amigos e ouvindo as novidades da politica.

Tinha então dois filhos no Brasil e ricos e um outro, pároco em Com Soldos, na região de Tomar; envelhecia feliz na sua casa que era um bom prédio antigo. Lembro-me de que do lado nascente tinha uma grande varanda, larga, com gradeamento de madeira onde havia grande profusão de abóboras, de espigas de milho e pevides de melancia. E lembro-me de que o bom Ferreira da Costa mostrava sempre com certo orgulho, do outro lado da rua, uma casa rustica, de pedra negra, sem cal, onde nascera o Dr. Daniel Ferreira de Matos, seu sobrinho, notavel professôr de Medicina na Universidade

Recebia sempre com alegria e grande franqueza qualquer pessoa das suas relações; mas quando eram amigos os que lhe batiam á porta, a alegria era maior e não sabia como provar a franqueza de q. era dotado junta á bondade natural que a propria fisionomia denunciava logo.

De madrugada, os vidros das janelas eram açoitados por chuva grossa batida pelo vento; eu olhava a serra da Mucela e pensava como é que poderia levar os homens por ali fóra, por mais outros 25 quilometros pu-

xados, transpôr aquele dorso onde via as arvores quase vergadas e seguir por estrada exposta á tempestade, simplesmente para que o celebrado Chico Inacio tivesse a protecção da força publica durante qualquer ardil eleitoral? O meu bom hospedeiro apesar dos seus oitenta e tal anos, veiu ao quarto oferecer a refeição da manhã e lastimar o tempo. Era, realmente, para arreliar! E sentenciava complacentemente que «el-rei mandava marchar e não mandava chover...»

Eu dizia-lhe que sim, mas acrescentava que el-rei, a essa hora, estava bem aconchegado no seu quarto do palacio das Necessidades e não sabia que estava ali um alferes e vinte e tal homens para salvarem um capricho politico e que para isso se iam expôr a um temporal daqueles por serranias sem abrigo.

O velho patuleia que comandou milicias populares em 1847 contra Costa-Cabral, cofiava lentamente as barbas brancas e ria-se com ar bondoso.

— Tem razão, meu amigo, tem muita razão...

Mas, perante aquele vendaval q. açoi-

tava os campos e as serras, tomei uma reso-
lução heroica que iria contrariar os regula-
mentos e, até, as boas tradições... Perguntei
se não havia em Poiares carros grandes que
nos levassem todos a Arganil; ia incorrer
evidentemente nos "sagrados" cânones, mas
não tinha a coragem de impôr aos homens
tal sacrificio.

O bom Correia da Costa mandou chamar
um alquiladôr; não regateei preços e daí a
pouco tinha á porta o que então havia em
Poiares capaz de transportar gente: um velho
char-à-bancs fechado e a flagueta em que
na vespera o meu hospedeiro me foi espe-
rar, ambos puxados a tres cavalos.

Despedi-me do bom amigo e larguei
para S. Miguel com as tranquitanas. Os sol-
dados estavam a comer nova refeição que o fi-
dalgo Godinho mandára fazer á larga; e as-
sim, depois do sôno reparadôr e da refeição
reconfortante, lá seguiu a expedição estrada
fóra, fustigada pela chuva impiedosa.

As mochilas dos soldados iam nos teja-
dilhos cobertas com oleados; dentro de cada
carro iam sete homens apertados, é certo; o
resto ia fóra e revesáva-se de tempos a

tempos com os de dentro e como havia oleádos os de fóra iam protejidos tanto quanto era possivel.

A caminhada foi monotona e aborrecida; as cortinas dos carros iam corridas e se se deitava a cabeça de fóra só se viam as serras escuras onde a chuva caía impiedosamente. Contudo, sempre a caminhada foi melhor do que faze-la a pé, patinhando sobre o lamaçal e a sentir a agua a cair no lombo.

Nao me recordo já se foi na Moité, no sopé da serra do mesmo nome, que se fez alto para descanço do gado e para nova refeição aos homens. Descançou-se, um pouco; comeu-se e bebeu-se qualquer coisa, aqueceram-se os pés; e quando se entrou, de novo, nas carripanas, iamos, ao menos, enxutos.

Ao passar nas alturas das Secarias o tempo deu mostras de amainar; e ao aproximar de Arganil, já de noite, a chuva parou e uma ou outra estrela começou a luzir no ceu.

Um quilometro antes mandei parar; seriam umas 6 h. e meia. Formei os homens que, [redacted] mais ou menos, tiritavam com frio; verifiquei o arranjo dos equi

fiamentos e disse aos cocheiros que não entrassem na vila ao mesmo tempo — por descortesia...

Ao avistar as primeiras casas mandei o corneteiro tocar a marcha normal; os soldados, como chapéus descansados e enxutos, marcharam com certo garbo. Abriam-se janelas; duma varanda rústica, coberta, apareceram umas mulheres com uma candeia como quem queria iluminar a estrada; ouviam-se frases de lastima para o nosso infortúnio:

— Coitadinhos! Como eles hão-de vir! Foi para isto que uma mãe criou um filho!...

E outras semelhantes. Os soldados riam e murmejavam em voz baixa.

E assim entrei em Arganil e através dei a vila com ruidos de triunfador guiado pelo administrador do concelho, o Sr. Augusto Coimbra, abrupado, que ao ouvir o toque de corneta, acorreu amavelmente.

O quartel ficava um pouco fóra da vila, na estrada de Gois; os soldados beberam aguardente e deitaram-se — única coisa que vinham para fazer. Mandei procurar lenha para se aquecerem e depois de feito um or-

deu, desci á vila ainda com o administrador que me guiou á hospedaria.

Deram-me um quarto onde já estava a mala q.' chegára pela deligencia; e depois de mudar de roupa e me arranjar convenientemente, fui regaladamente jantar e receber a visita do celebrado Francisco Inácio Dias Nogueira.

Paguei aos cocheiros a quantia de nove mil reis (9$000) que, com mais dez tostões de gorgeta, deu a quantia de dez mil reis, saídos do meu «bolsinho particular.» E depois dum pouco de conversa com o Dr. Coimbra e com o terrivel Chico Inácio, conversa amistosa e quase diplomatica, deitei-me e dormi pesadamente a noite toda.[1]

E no dia seguinte é que vi, com dia fôsco, que estava numa grande bacia, rodeada de montes, em que a velha vila de Arganil se aconchega pobremente a extensa

---

[1] Para alguem possivel leitor que se admire de tantos pormenores e particularidades dados aqui depois de 50 e tantos anos passados, lembro que pouco depois do serviço escrevi certos passos da aventura em cartas que vim a guardar. Com esses passos entremeei a descrição-evocativa que aí fica — e que é verdadeira.

varzea, na ocasião ensopada em agua. Para poente, a cordilheira negra tapava o horizonte e só para norte se abrem um pouco as encostas que novamente se encadeiam pelo vale do Alva até á margem esquerda do Mondego. Chuviscava ainda e o aspecto geral, se bem que de certa grandeza, era tristonho.

E assim foi o meu primeiro serviço, como oficial, de deligencia com comando — serviço que, por um acaso curioso está ligado com o meu primeiro artigo impresso a que já fiz referencia comemorativa ~~[illegible]~~ ha anos em outro lugar como é facil verificar.[1]

E assim comecei a vida com uma especie de aventura em que os proprios elementos se reuniram para provarem a minha má sorte e convencerem-me do erro tremendo que cometi.

Hoje, a cinquenta e tal anos de distan-

---

[1] Cfr. Cinquenta anos depois, Coimbª, 953.

cia, ainda por vêzes medito nisto tudo e me comôvo. Mas já sem remedio.

E assim continuei, hoje um serviço, amanhã outro, esterilmente, sem nada de elevado e muito menos de estimulante.

Nos dias de serviço de prevenção ao quartel lembro-me do aborrecimento que me invadia; as tardes eram passadas ou isolado se o oficial de inspecção não era pessoa sociavel ou, no caso contrario em conversa sem interesse de qualquer especie. Banalidades a seguir a banalidades.

A' falta de melhor, olhava-se para o movimento da rua da Sofia nesse tempo moderado; e lembro-me de que me impressionava a passagem das mulheres e raparigas que trabalhávam nas fabricas quando recolhiam ás casas em regra com despreocupada inconsciencia do seu papel. E eu, sempre eivado das antigas preocupações de caracter social, considerava quanto essas operarias eram vitimas ou instrumentos da injustiça da Sociedade tão mal organizada — considerações que mal tentava expôr aos outros que as não compreenderiam e me

poderiam acarretar má reputação da que, segundo creio, já tinha.

Insubordinados, ou serviços de certa categoria ou mais cómodos, nunca me deram; fui sempre um componente que se nomeava por escala quando ela me calhia e isso, certamente, porque não podia deixar de ser. Parece que no comando o meu rosto era desconhecido; o ajudante do regim.to é que, de ver um oficial, o encontrava no livro das escalas e... pronto.

Fazia-se a alteração.

E não exagero nem o azedume da ideia de que faz ser injusto. Creio que só o meu comand.te de companhia, o Domingos de Freitas me conheceu; deste não tenho que dizer senão bem, como orientador, espírito compreensivo e justo.

No mais eu notava até que era observado com curiosidade se, casualmente, nas salas onde se reuniam oficiais, eu levava a conversa para assunto fora do meu hábito regulamentar.

Eu era já suspeito claramente de republicano e as minhas discussões acerca de Anarquismo nos tempos de estudante

deveriam vir á baila, uma vez por outra, quando não estava presente. Sem querer, com a boa-fé da idade e o impulso natural de quem no espírito não tinha grandes peias, eu revelaria os meus pontos de vista políticos e sociais — logo apanhados pela observação arguciosa e em regra velhaca dos zelosos camaradas.

E os profrios condiscípulos, os que iéram comigo da Escola do Exército eram os primeiros, entraram com aparencia de amizade, a tomarem certo ar de pouca concordancia e de subtil zombaria.

Ele. ele.

Não falarei mais no caso.

Foi então que me lancei nas primeiras tentativas de artigos históricos inaugurados por aquele de que celebrei o 50º anniversario com opusculo sumptibus autóris acima citado.(1)

Lia muito, principalmente Camilo e Garrett; e pessoalmente tá in para Torres Novas um artigo celebrando qualquer da

---

(1) Cinquenta anos depois cit.

ta que sobressaisse das muitas datas acumuladas nos meus cadernos; e o jornaleco publicava tudo que eu mandava.

A breve trecho até ia intermediando os assuntos históricos com artigos políticos, com crónicas facetas cuja relação cronológica fica num volume adicional ao Dicionário Bibliográfico do Inocencio, para não deixar os créditos por mãos alheias, assim como estados num volume de recortes todos esses artigos de caracter mais ou menos político, as crónicas, etc.

Foi uma grande modificação na minha actividade intelectual; passaram-me os gritos de gosto que só se manifestavam por uma palhada satírica; o meu afan de escrevinhador voltou-se para a História embora por contagôtas — afan que em breve se estendeu além do Jornal Torrejano até ao Jornal da Lousã a pedido do seu director, o José Maria Dias Ferrão já aqui muitas vezes falado.

Ao mesmo tempo... vá lá mais esta confissão dum atentado: um romance de aventuras!

Nos fins de 1903, quando combinava com o Mario Soares Duque a minha colaboração no Jornal Torrejano com artigos históricos, como

ficou dito no citado opusculo comemorativo, deixámos assente tambem que faríamos um romance para o folhetim do jornal, no genero de O Mistério da Estrada de Sintra que recentemente lêramos e nos deu no gôto.

O titulo foi logo achado: Amôr e Odio e não se discutiu o enrêdo; este iria correndo ao sabôr dos capitulos que nós alternadamente escreveríamos.

E assim foi.

O Mario escreveu o primeiro capitulo que intitulou O Naufragio; eu segui com o segundo que tomou o titulo A jangada; e assim foi seguindo aos encontrões porque o Mario era perguiçoso.

Era um grande romance de sensação. Combinou-se que teria duas partes e, no caso de ser necessario, teria tres, cada imaginativa complicada á maneira de Ponson du Terrail. Tudo dependia do interesse que nós teriamos de o prolongar ou de o encurtar...

As personagens seriam figuras dignas de Vilar Flupo — exoticas e extraordinarias ou romanticas e sentimentalistas. Uma complicação dos diabos que a certa altura deveria dar agua pela barba aos autores.

Mas, enfim, um dia, como o Mario Duque não escreveu o capitulo que devia seguir, o romance ficou suspenso e ... até hoje. Os leitores ficáram sem saber o final da historia e os autores tambem.

Ha pouco, relendo os capitulos que escrevi achei-lhes graça e verifiquei que tinha certa queda para historietas naquele genero. É possivel; mas não irei tentar nova aventura semelhante.

Guardei mal os numeros do jornal em que os fothetius saíram; e como perdi ou se perderam uns numeros, creio que não serei capaz de reconstituir a parte que falta — no que as Letras patrias nada perderão.

E assim foi correndo o tempo, monotonamente.

Em Junho de 1904 voltei a Arganil ainda por causa da terrivel eleição da Misericordia que ~~[illegible]~~ ligava com as eleições gerais de Deputados. Estive, por isso, duas semanas inteiras na vila o que me deu ensêjo a crear boas relações com as principais pessoas da ~~[illegible]~~ terra a que fiquei sempre mais ou menos afeiçoado.

Predominava então, na sociedade argamilense, embora já velho, o Dr. José da Costa de Vasconcelos Delgado, chefe politico progressista, homem muito distinto que me recebeu com a maior afabilidade. Encontrei antigos condiscipulos do liceu como o Abel Perdigão e o irmão cujo nome me não ocorre já, formado em direito; e conheci o escrivão de direito e notavel guitarrista Antero da Veiga, ainda hoje ouvido atravez de variados discos que as grafonolas e os aparelhos de radio nos transmitem muitas vezes; e o P.e Adelino Dias Nogueira, rapaz novo, capelão em Celavisa que emparceirava alegremente nas patuscadas que se improvisavam.

Fiquei, quer duma quer doutra vez, com as melhores recordações da terra e todo o ambiente me provocou a ideia dum romance realista de que adeante falarei com vagar.

Desta vez a marcha foi agradavel, feita durante a noite de 23 para 24 de Junho, com um excelente luar até Poiares, com um descanço nas Ribas, debaixo dum telheiro que deitava para o Ceira; e na noite de 24 para 25, por atalhos desde o Alveite ao Olho Marinho e daqui por S.to Guiteria, Sarnadela e Ribei-

ra da Areia até Argamil onde chegámos pe-
las 7 h. e meia da manhã. As duas noites de
S. João foram assim passadas em marchas
nocturnas.

E com estas diligencias, com os outros
exercicios e a monotonia do serviço interno
o tempo foi passando até que chegáram os
reconhecidos do Bruçaco de 3 a 7 de Setembro,
desse ano de 1804.

Comandava então o regimento o coro-
nel Pedro Celestino da Costa, homem distinto,
correcto, de formação militar um pouco á an-
tiga mas de espirito compreensivo justo e
bom. Impunha-se pelo aprumo e seriedade;
afavel no trato mas sem deixar de observar
as distancias. Deixou-me as melhores im-
pressões e lastimei a saída do comando nos
fins do mesmo mês de Setembro por ter sido
colocado em Lisboa no regimento de Infan-
taria nº. 16 — onde veio a morrer, ingloria-
mente mas no seu posto, no madrugada de
4 de Outubro de 1810.

Do tempo da minha vida militar raros
foram os homens que se aproximaram des-
te pelo conjunto de qualidades de comando

e ainda, e principalmente, pela muito rara boa educação civil.

As manobras foram movimentadas e, pode dizer-se, de grande espectáculo

A minha companhia teve como subalterno adido para efeito dos exercícios o aspirante saído da Escola Prática de Mafra Raul da Silva Tavares, portuense; e o capitão Domingos de Freitas levou sempre a tarefa com certa filosofia e o maior numero possivel de comodidades principalmente no capitulo de refeidas.

Como tinha muitas relações na região, muitas delas politicas, recebiamos excelentes iguarias que juntas ás rações de campanha davam refeições abundantes e boas. Ele, ás vezes, depois da movimentação dos exercicios e depois de armado o bivaque, sentava-se perto das cozinhas e era vê-lo, satisfeito, a regalar com os cozinheiros o jantar, como entendedor de cutinaria, ante-gosando o prazer da abundancia e da qualidade em que era exigente.

No batalhão, as refeições da 1ª companhia ficáram celebres. Lembro-me de que no bivaque das proximidades de Montagua,

como passasse á vista, na estrada, o advogado e professor do Liceu, Dr. Francisco Fernandes Costa que viera da sua quinta de Vale de Remigio (salvo erro) de onde a esposa era natural, o capitão mandou-o chamar e convidou-o para o jantar que estava pronto. Não me recordo já se jantou ou se simplesmente assistiu; do que me recordo é da bela palestra que se estabeleceu entre o Freitas, franquista, e o Fernandes Costa chefe republicano e tambem me recordo de certo escandalo que isto causou entre a oficialidade de curta vista.

Eu gostava deste serviço movimentado, das marchas, dos bivaques, das noites passadas nas tendas, de todo aquele aspecto pitoresco da vida de campanha, ao ar livre, com panoramas variados e certa liberd.e de acção. Foi para mim, sempre, durante o meu tempo de serviço, a parte que me agradava; as proprias diligencias para eleições ou romarias eram verdadeiro escape á monotonia do quartel e um pretexto para tomar ar e ver, por montes e vales, a Natureza.

Estas manobras do Buçaco, então, foram admiraveis; fizeram-se marchas grandes é certo; eu tive até uma acção no vale do

Milijoso bastante penosa; suportámos a missa campal na lomba da serra, ao sol e, a seguir, a parada espectaculosa para gaudio de Suas Magestades e da gente palaciana. Mas depois, terminada a tarefa diaria, o previdente capitão tinha sempre no bivaque o jantar em termos de aperfeiçoamento e o repouso era merecido e as camas de palha davam rasoavel confôrto...

Confôrto?...

Sim, conforto. Quem nunca passou por tais trabalhos não sabe o que é uma cama de palha a seguir a umas leguas de marcha carregado com o equipamento, a corridas por montes e vales sem grandes descanços e sempre com o espirito alerta para que o espectaculo sáia em ordem

Sim, repito, conforto — embora, é claro, conforto relativo.

Ora destas manobras no Buçaco fiz, logo a seguir, larga e alegre descrição em cartas a minha Mulher (então ainda solteira). Tenho-as presentes e não resisto a transcrevê-las. Foram escritas entre 12 de Setembro e 14 de Novembro, com a memoria bem

fresca, foi consequencia; e aí ficou como elementos simples para no futuro se ajuizar o que eram manobras durante o consulado ministerial do galante Luis Augusto Pimen. Vel Pinto.

«12 de Fevereiro.

«A manhã do dia 3 apareceu esplendida; um leve nevoeiro desfazia-se em flocos brancos para o lado do rio quando o sol surgiu por detraz do grande edificio da Penitenciaria. Quando saí de casa ainda as ruas estavam desertas, ainda os varredores andavam no seu trabalho; mas no quartel ia já grande animação, um burburinho anormal que indicava qualquer coisa de anormal.

«Vamos, enfim, para as manobras! Faziam-se os ultimos preparativos, davam-se os ultimos toques e as ultimas ordens. Andava tudo correndo dum lado para o outro.

«Por fim, tocou a formar e o regimento começou a entrar na fórma, na sua, porque não cabia na parada. Juntara-se muita gente para ver e daí a pouco, seriam 8 horas, o regimento partiu para a estação quando o sol começava a aquecer a paisagem verde-tris-

te do Mondego onde os choupos esguios, muito direitos, deixavam ver atraver do seu rendilhado fino, as ultimas sementeiras da encosta d'alem. Havia grande serenid.e na atomosfera; tudo calmo e triste como que a dizer um adeus.

«Ao Louxe, para sul, a serra da Lousã e em frente os campos sem fim cobertos de milharais e de vinhedos.

«Na estação estava imensa gente para ver o embarque; do alto da estrada do Porto que passa sobranceira á estação do caminho de ferro, o povo dizia adeus, como se fossemos para a guerra... Senhoras madrugadoras foram dizer tambem adeus aos páis, irmãos, noivos ou conhecidos; e a partida do regimento, num grande comboio negro, mais me pareceu um arraial do que a marcha para manobras.

«Até houve lagrimas!

«Visto passa um comboio, grande, comprido, negro! Era o regimento de Infantaria n.º 7 que seguia; e ainda vi, de relance, a dizer adeus da portinhola da carruagem, o Almeida, o Manuel de Almeida, do meu curso, com quem muito andava em Mafra, sempre com o ar acanhado, a dizer um adeus quase a medo, por detraz duns outros.

«O comboio por fim partiu e lá foi atravez dos campos até se meter pelas colinas arenosas dos contrafortes da serra da Agrela; começou a ver-se ao longe, no meio de ligeira neblina, a serra do Buçaco com o grande dorso estendido para nascente, arido, escalvado; e até lá, a grande extensão de pinheirais escuros e olivêdos.

«O capitão Homem Cristo que ia no meu compartimento, berráva contra as manobras, contra o ministro, contra tudo, falando persuasivamente e com entusiasmo, até que quando o comboio entrou na Pampilhosa, a conversa terminou porque necessitavamos de ir almoçar. E o almoço, assim, acabou uma diatribe republicana.

«Tivémos duas horas de espéra. O regimento de Infantaria nº 15 passou adeante; o batalhão de Caçadores nº 6 e o de Caçadores nº 1 e a Engenharia passáram tambem á frente e dirigiram-se logo para os bivaques. Nestas passagens dos comboios, embora muito á pressa, pude contudo dar um abraço ao João Bemfeito, ao Rebelo de Andrade, ao Carrão de Oliveira, ao Barreto de Oliveira que por momentos se apeáram.

«Seria uma hora da tarde quando, enfim, partimos para Luso, pela linha ladeada de pinheirais que descem dos socalcos da serra, atravér de veigas pitorescas e barrocais fundos. Passámos o logar de Carpinteiros, o dos Moinhos; e quando numa dobra do terrêno se avista a serra toda, coberta do arvorêdo, vê-se tambem em baixo, numa dobra, o Luso com o casario de varias cores e os chalets pitorescos do Navarro, do Matoso dos Santos, do Barbosa Coleu e do Aires de Campos mais lá em cima.

«Por um atalho marchava um regim.to levantando poeira; e junto mesmo da linha, quase ao pé da estação, vimos um grande bivaque de Cavalaria. Havia, na verdade, grande cheiro de manobras pelo ar...

«Lá em cima, no meio da verdura da mata, avistava-se o torreão enorme do grande hotel e nele flutuando ao vento o pavilhão real; e mais acima, quase afogado pelas arvores, saía a parte superior duma cruz branca: era a muito falada Cruz Alta.

«E assim o comboio chegou e desembarcámos; o regimento formou na ~~[illegible]~~ estrada e quando a banda rompeu com uma

marcha alegre, seguimos estrada acima, para o Luso; á esquerda via-se o grande viaduto da linha da Beira Alta que atravessa o fundo vale da Varzea; e a estrada para a região da Anadia, lá em baixo, como uma grande fita branca, desaparecia ao longe, no meio de uns pinhais.

«Subindo sempre, em curvas, no meio de muita poeira barrenta, chegámos ao Luso que atravessámos triunfalmente por meio de muita gente que se ia divertir com as manobras. Passámos á pitoresca fonte de velhas tradições chamada de S. João e seguimos pela estrada que contorna a serra pelo sul e vai ter a Penacova e liga assim esta vila com a estrada de Vizeu.

«Ás voltas, juntos sempre ao muro inferior da mata, lá fomos para o local do bivaque, ainda uns dois a tres quilometros do Luso, vendo sempre á direita os terrenos mais ou menos planos que vão até ao mar cujas areias brancas o sol fazia aparecer como estreita faixa clara. O mato ensaia de um e de outro lado, agreste; os pinhais vão cedendo-se escuros e só depois de uns 40 minutos de marcha é que, contando á direita,

pela encosta, chegámos ao local escolhido para o nosso tiroteio. Tinhamos passado pelo dos batalhões de Caçadores nº. 1 e nº. 6 e pelo de Cavalaria nº. 8. Junto do nosso ficava o tiroteio de Infantaria nº. 24, de Aveiro.

«Arrumáram-se as tendas, fizeram-se as camas com palha fresca e começou-se a tratar do rancho; as cosinhas já fumegávam e as panelas estávam temperadas. Iam sendo horas.

«E comecei então a ver o aspecto de tudo aquilo depois de me ter desagrupado e bebido agua com aguardente e açúcar; percorri o pinhal com a curiosidade de quem se encontrava satisfeito, para ver o que havia e o que se fazia.

«Na estrada havia enorme movimento de carros de bagagens, de carros de munições, carros da Manutenção com o pão, carros das companhias de subsistencias com palha, carros distó, carros daquilo; agora era o esquadrão de Cavalaria 8 que passava para a linha de agua, depois passávam as muares da Artelharia; e neste movimento enorme havia uma poeira terrivel no ar e algum periclo de atropelamentos.

«O jinhal onde estava o nosso bivaque era bastante cofado; havia sombra amena, agradavel e convidativa. Uns grupos de soldados curiosos passaram para observar o espectaculo inédito. E assim chegou a hora do rancho e depois dele a do nosso jantar.

«As mulas tiveram de ração e de cabeçadas e começámos por uma sopa que o nosso soldado cosinheiro arranjou com certo sabôr a rancho mas que soube admiravelmente; comeram-se bifes, postas folhados e abriram-se latas de conservas que tinhamos levado com abundancia. Foi um excelente jantar a que não faltou o vinho verde do Monções e vinho do Porto propriamente dito. No final da refeição apareceram varios oficiais das outras companhias e trocáram-se saudes; e á luz das fogueiras que se acenderam logo que anoiteceu, o jinhal apresentava um espectaculo curioso que não é facil de descrever nem de desenhar.

«O Manuel de Almeida apareceu-me então com a sua verve fina que concorreu para a alegria de todos; e assim se passou o primeiro dia de manobras, com boa disposição, no sopé dessa serra de grandes tradi-

ções para o nosso exercito onde ha pouco nos deu peculo as nossas armas foram de bem mais valor do que agora.

«A neblina do mar começou a apparecer e a subir as encostas e a noite appareceu. Vou-me-nos humida e fresca; mas eu e o capitão Domingos de Freitas fômos ainda até á estrada para ver o conjuncto dos acampamentos mais ou menos illuminados.

«Na estrada, um carro de bagagens de infantaria nº 24 passava p.º o Luso; o capitão desafiou-me e lá vamos nós, aos solavancos, estrada fóra. Em Luso havia grande animação; muita gente a passear e dansas na Assembleia. Nós, porem, empoeirados e sujos, não nos aproximámos; e depois de duas voltas, saltámos para outro carro de bagagens que passava e regressámos, outra vez aos solavancos, á luz dum archote que um soldado levava.

«No bivaque tudo dormia. As fogueiras apagavam-se e a pouco e pouco tudo caía no silencio e no socego a que dava direito o dia passado com algum trabalho. O capitão recolheu-se á sua tenda; e eu com o aspirante Raul Tavares (que ficára de

serviço como mais moderno) deitámos-nos na mossa, sobre a palha fresca, e dormimos melhor ou frió até á alvorada.»

«17 de Setembro.

«Dormia serenamente sobre as palhas da minha tenda quando despertei, ao de leve, pelo vague de alvorada, triste, arrastado, no visinho bivaque de Cavalaria. O éco da serra dava um som mais triste ás notas do clarim; e deitando a cabeça de fóra vi logo em cima a lua no quarto crescente a illuminar o alto do Buçaco e nos acampamentos as fogueiras esmorecendo, quase a apagárem-se.

«Estava frio, havia no ar bastante humidade e as sentinellas passeávam embrulhadas e ainda sonolentas. Puxei do relógio: ainda não eram 3 horas da manhã e senti uma preguiça forte que me fazia olhar como amor para a palha da tenda como para cama comoda. Tudo dormia ainda; só os soldados rancheiros ao pé das cosinhas preparávam o café da manhã.

«Julguei convenientemente dormir mais uma hora... Puxei para as pernas a manta, ajustei melhor a gola do capote e dormi no-

vamente um grande bocado. Depois, acordei com o barulho que já ia no bivaque; os soldados levantavam-se, conversávam, compunham as mochilas; e pelo ar, através dos pinheiros esparsos, via-se a serenidade duma manhã calma e fria.

«A montanha elevava-se quase abrupta na nossa frente, agreste, penhascosa; e os últimos raios da lua mostravam lá em cima a brancura dos rochedos de mistura com o negro dos pinhais. — Coisa linda! Quem nunca viu uma alvorada num bivaque não imagina como é curioso o espectaculo.

«Começou a amanhecer; havia, na atmosfera uma brancura especial; começou a divisar-se mais nitidamente tudo e pouco a pouco a neve encobria ainda a terra até ao mar.

«A minha companhia reuniu-se para tomar o café com aguardente; e eu com o aspirante Tavares levámos uma toalha e um sabonete e fômos á fonte proxima cumprir o dever de hipiéne — isto é, fomos lavar a cara. A agua afigurava-se fresca, limpida; e de repente senti o trote dum cavalo: olhei e, limpando-me á toalha, vi o Rebelo de cima

de, a cavalo, que ia receber ordens ao Quartel-General como ajudante de batalhão. Gritei, chamei-o:

«— Oh Andrade!

«Ele olhou e não me conheceu logo, com farda, com a touca pela cara. Mas parou e veio depois à fonte, falar-me. Ao longe começaram a aparecer bocados tristes da flauta, ainda afogada em neve branca; e tudo começava a tornar-se, aos meus olhos, belo e simples.

«Voltamos para o binague, a conversar com o Andrade; e quando foram horas o regimento entrou em forma, preparando-se para a subida até ao planalto onde haveria a missa campal do programa.

«Tomei, é claro, o meu café com pão, equipei-me, pus o binóculo a tiracolo e fui para a frente como usa o Rei... e assim esperámos a hora da partida. O sol tinha nascido e a manhã estava formosíssima; em cima, saindo fóra do arvoredo, viam-se os braços brancos da Cruz Alta; e por toda a serra, pelos valeiros, a paz, a serena tranquilidade da Natureza. Ao longe, ouvia-se um fogo muscial dalgum regimento que passava

a caminho do planalto; e daí a pouco a banda de musica do nosso tocou festivamente um ordinario e nós marchámos, bem dispostos, para a serra.

«Pela estrada, muita gente e um grande ar de festa; ao longe ouviam-se outros toques e outras marchas e tudo nos dava a impressão duma enorme festa, duma festa rija e grandiosa. Entrámos na mata pela porta das Ameias e começámos a subir os zig-zagues das avenidas bem ensombradas. Havia fresco agradavel, ao longo daquelas longas avenidas cobertas de arvorêdo.

«Havia ranchos que se viam por entre as arvores seculares a almoçar sossegadamente; e nós subiamos, subiamos, sempre num ambiente de festa que a nossa banda e os sons afastados de outras e a sonoridade de ternos de clarins impunham alegremente a toda a mata. Gente corria pelos caminhos para ver marchar os regimentos; e ao passarmos pelo grande hotel e pelo palacio real vimos então o belo espectaculo da grande quantidade e variedade de fardas, de grande numero de senhoras, de imenso povo que se acumulava no terreiro para ver passar as

tropas e para ver sair a família real — com a natural curiosidade de selvagens.

«E nós continuámos a subir pela avenida que vai ás portas de Sula e daí pelo caminho da Cruz-Alta. E depois de tanta subida até ao mais alto da serra, saímos pela pequena porta do Telegrafo e entrámos na enorme explanada que se abre no dôrso da serra.

«Não posso dar ideia do que aquilo é; só vendo é que se acredita como é explendido o panorama que dali se disfruta. A serra corre no sentido norueste-sudeste e vai morrer no Mondego, junto da vila de Penacova onde é cortada pelo Mondego no pitoresco sitio de Entre-Penedos; não é muito alta, terá uns quinhentos e tantos metros de altitude, mas pela sua posição tem vistas muito largas e no seu dorso uma enorme explanada, lisa, coberta de urze baixa onde se anda muito bem — e onde se ia ouvir a missa.

«Para os lados do mar vê-se a região da Bairrada e os campos de Coimbra de onde poderem, como em contra-fortes, as serras do Açaveiro e de Brasfemes; longe, numa grande faixa branca, as areias de Quiaios, de Mira e de Aveiro; o cabo Mondego quase

em frente, um pouco sobre a esquerda, desaparece pelo mar e, indistintamente, para os lados do norte, as serras do Douro, em volta do Porto onde, em dias claros, se avista pelo binoculo o porto de Leixões.

«Mas, mais magestoso sem duvida é o panorama da outra vertente. Em frente, destaca-se sobranceira a serra do Caramulo com os seus pincaros agrestes e recortados que fazem lembrar, embora em ponto maior, os recortes da serra de Sintra. Entre o Caramulo e o Buçaco ha uma serie de grandes elevações e depressões rapidas, fundos barrocais, montes escalvados, num conjunto um tanto ou quanto selvagem mas imponente. Para a direita, no sentido do sol, vê-se mais ou menos enevoada, a serra de Estrela, enorme, como colosso deitado e adormecido.

«É na verdade uma vasta e soberba paisagem!... mas, ao entrarmos na explanada vi logo em frente, severamente, a extensão de tropas já formadas para a missa. Para o norte estava já levantado o altar e nele estava já o bispo-conde, de mitra e báculo, soléne na sua elevada estatura; e na

frente, os milhares de cabeças de soldados que se estendiam até ao marco geodesico.

«Entrámos na formatura; o nosso lugar; á frente, na esquerda, já um pouco sobre o pendôr do poente, não era bom. Contava-se bem a enorme concorrencia que havia na serra, concorrencia certamente aproximada das vinte-mil pessoas, conforme as avaliações que ouvi.

«Eu, apesar de estar na fórma, voltava-me muitas vezes para traz para ver o efeito das forças; na nossa rectaguarda estava a Engenharia, a Cavalaria, a Artelharia e Administração militar; e para traz a serra, descendo, aos poucos, até desaparecer em baixo coberta de pinheiraes.

«Tocou a <u>parada</u>. Tudo ajoelhou e o efeito, então, foi espectacular: todos os clarins e cornetas tocaram a marcha de continencia e ao longe, por detraz de nós, a Artelharia salvou e lançou o eco dos tiros pelas serras fóra.

«Ao acabar a missa passou-se á revista. As tropas tomáram os logares que lhes foi marcado e vi então, pois estava na extrema-esquerda, a grande extensão, seguramente de dois e mais quilometros que ocupava a li-

nha de unidades em formatura. O Rei passou a cavalo pela nossa frente, a galope, com o seu estado maior atraz, ordenanças, escolta, etc. Depois voltou e foi postar-se no ponto de continencia.

«Começou então o desfile: generais, os quarteis-generais, o inimigo (os batalhões de Caçadores n.os 1 e 6 e Cavalaria) e depois toda a 5.a Divisão, morosamente — o que nos fez estar hora e meia á espera, com fome e sêde, sobre terreno que o sol fazia escaldante. Foi um bocado penoso. Entrámos na explanada ás 9 horas e só depois do meio-dia é que rompemos a marcha em continencia. Tres horas a pé firme, sem beber, sem comer, com calor terrivel e com terra quentissima que escaldava os pés!

«Por fim, la fômos. O regimento marchou bem, com os pelotões em linha, ao som do Hino da Carta que a banda tocava em frente dos Reis. D. Carlos, volumoso e impassivel, montado em belo cavalo forte, correspondia ás continencias; a Rainha, num lindo cavalo preto, vestida de amazona, passeava dum para outro lado, obrigando o cavalo a saltar, acompanhada pelo Principe

Real, como se estivesse na sua tapada do palacio das Necessidades.

«Quando acabou a marcha da revista formámos em coluna e seguimos novam.te pela mata até ás portas de Sula, passámos ao lado do monumento e metêmos á estrada para Mortagua — á margem da qual, e perto da vila, iriamos bivacar.

«A estrada vià-se, coleando, por sobre a cumeada; ia ser uma terrivel marcha e quase em jejum.»

«9 de Outubro.

«Continuêmos com a cronica das manobras. Ia a historia quando em Sula o regimento descia para a estrada com sêde e com calor.

«Pela estrada não havia sombra; e nós olhando p.a a frente, viamos uma longa fita branca, serpeando pela cumeada, atravessando alguns pinhais, passando por uma ou outra trincheira. A marcha ia ser má; no alto da serra, em cima, via-se um perfeito formigueiro de gente, pelos rochedos, pelas encostas, pelos muros, a merendar, a dormir, a andar dum lado para o outro, numa

animação espantosa e engraçada á vista. Para a esquerda, uns vales fundissimos, cortados aqui e ali por barrocais; e para a direita, a serra ruía, escarpada, eriçada de rochedos esterangueiçados.

«O regimento seguia sempre, com a banda a tocar; pela estrada, carros com gente que ia da festa para suas casas; camponeses visinhos á estrada, de boca aberta, com ar selvagem, ver passar tanta tropa; e sempre acompanhando a maior ou menor distancia a minha companhia notei um velho e uma velhita que eram pais dum soldado que lá ia encorporado. E isto durante muito tempo, sem desfalecimento.

«Mas a sêde começou a fazer-se sentir. Na passagem pela povoação de Moura, ia havendo certa desorganização porque alguns soldados começáram a entrar nas casas, a pedir agua. A minha companhia era a ultima da coluna de modo que tivemos que levar aquela gente a pôco e á espada e faze-los entrar na fileira, para podermos seguir com ~~[illegible]~~ regularidade. Devido ao capitão Domingos de Freitas que pôde manter as rédeas do governo, a nossa companhia pas-

sou intacta por aquela prova de meus comandados e seguiu unida.

«O capelão P.e Joaquim de Figueiredo e o medico, o Dr. Flaminio Teixeira de Azevedo que seguiam atraz da coluna iam mortos de sêde e de cançasso. O capelão comprou uvas a uma mulher e comi-as como doido porque ainda estava em jejum e já passava de uma hora da tarde; e o medico para não ir contra as regras da hipiéne, descascava peração cuidadosamente e ia comendo-as tambem com certa gâna.

«Teriamos andado uma légua, já se começávam a ver para a direita e para a esquerda, os enormes cortes de terreno, vales fundos e escuros, cobertos com pinheirais pelo vapeur — quando o commandante, mudando o regimento num pinhal, á direita, fez um alto. Foram desarmadas as armas, permitiu-nos tranquilamente á sombra e ali ficámos á espera de novo toque de marcha.

«Os soldados correram para um e outro lado em busca de agua; e eu, resolvido a não comer peixão no bivaque, deitei-me no chão, e por este momento em q. escrevo me não esparo, ia adormecendo...

«Passada uma meia-hora, tocou a unir, formou o regimento e seguimos pela estrada, de vagar, porque os nossos soldados são, em regra, fracalhões embora para aí apregoêm aos quatro ventos que é duma enorme resistência e disciplina. Homens no vigôr da vida, levando ás costas as mochilas vasias, não aguentam uma marcha de poucas leguas desde que haja calor. Tenho visto isto, vi no Minho, no ano passado e vejo agora outra vêr.»

«10 de Outubro.

«A marcha foi, na verdade, fastidiosa e maçadora. A Engenharia passou-nos á frente; a Artelharia tambem e confesso que a certa altura já ia sentindo o vazio natural de quem, ha mais de doze horas, andava em bolandas sem comer. O sol começou a descer e, por consequencia, a ensombrar a estrada. Havia certa viração fresca, mas o céu continuava azul sem uma nuvem.

«Mais adeante, numas casas á beira da estrada, havia agua em grandes pótes, generosidade dos moradores. Começou a distribuir-se aos pelotões, seguidamente; e lá

continuámos a andar, até as 5 horas, horas a que o regimento voltando para um enorme e bonito pinhal entrou no sitio chamado do Vale de Açores. Era uma planicie a dois ou tres kilometros de Martagua; tinha aspecto fertil e a paisagem alegrava-se com cêres verdes; por lo passava a linha ferrea e a estrada seguia em grande linha recta para a vila.

«Armáram-se as tendas e trataram-se da distribuição do rancho aos homens; na estrada appareceram logo pessoas conhecidas: um rapaz do meu tempo da Universidade o Antonio da Fonseca Gonçalves, apara medico em Martagua, o administrador de Agaril, o Dr. Augusto Coimbra, emfim bastantes conhecimentos que me diziam adeus e faziam offerecimentos.

«O rancho estava prompto e os marmitas dispostas no chão; mas o ranchoiro não apparecia e eu não tive duvida nenhuma: arregacei um pouco a manga do braço direito, pequei no colherão, ou caço e... fiz de ranchoiro, conscienciosamente, rapidamente, para todos ficarem com rancho igual.

«Nesta vida da tropa fazemos tudo!... até de ranchoiro embora se tenha um galão no braço.

«Acabada a tarefa começámos a lembrar que estávamos em jejum. O capelão Figueiredo estava furioso:

«—Oh meu alferes! Dê-me cá uma lata de rancho, co'os diabos!

«E eu respondia-lhe pacatamente:

«—Espere, meu capelão... Temos aí cá uma sopinha de frei, vai ser!

«Mas ele, coitado, não se conformava e impacientemente via-nos, a mim e ao assistente, a arranjar a mesa, com as malas e umas caixas; e só mudou de cára quando viu uma pequena panela de lata colocada sobre a roalha branca, deitar fumo bem cheiroso e lá dentro o caldo quente e bem temperado.

«Eram pois horas e meia da tarde! Tínamos comer pela primeira vez naquele dia. E na estrada, a uns 30 metros, passava gente a pé, de carro, a cavalo, gente que achava muita graça ao nosso jantar porque nós, longe de mostrar aborrecimento manifestávamos alegria e boa disposição que aumentaram para o fim de jantar quando chegou a vez do belo vinho do Porto de Menéres.

«Comêmos foie-gras, comemos lagosta de conserva, fiambre saboroso com ovos, bifes

excelentes, franco com ervilhas — enfim um banquete a que não faltou champagne! Quem se aproximava do nosso bivaque havia de comer e beber, havia de fazer saudes ao Pimentel Pinto... A conversa dos convivas foi explendida e ao escurecer quando se começaram a acender as fogueiras do bivaque, nós acendemos as lanternas todas e continuámos imperturbaveis a jantar até ao recolher.

« Depois deste toque formou-se a companhia e todos os soldados, em seguida, se deitaram sossegadamente porque vinham moídos e com sôno. Nós ficámos ainda a conversar um pouco; mas as tendas atraíam-nos e por fim fômos-nos deitar porque a alvorada devia tocar ás 3 e meia da manhã.

« As fogueiras davam o mesmo aspecto fantastico ao bivaque: o pinhal era plano, em grande extensão e estavam nele bivacados o meu regimento, o de Infantaria 24, a Engenharia e a Artelharia do nosso partido; os pinheiros eram altos, copados, e formávam bela abobada escura que contrastava com a luz viva das fogueiras. A pouco e pouco o silencio caiu por sobre todo o acampamento, o sôno atacou todos os acampados; e eu, mortal como

todos elas, estendido na palha da minha tenda, adormeci ~~como~~ tranquilo como um justo...»

«17 de Outubro.

«Era ainda muito noite quando tocou a alvorada; a lua, no quarto minguante, aparecia ainda através da rama dos pinheiros e corava pelo verde escuro a sua luz clara. Havia neblina humida e fria quando saí da tenda com o barrete bem sobre as orelhas.

«Uma ou outra fogueira brilhava ali da aqui e alem; e pela estrada ouvia-se o rodar soturno de carros.

«Foi uma alvorada triste. Começou formar o tiroteio a animar-se a pouco e pouco; e ao passo que a madrugada aparecia, a neblina ia se evaporando lentamente, deixando ver que ia nascer um dia lindo de sol quente.

«Ás cinco e meia começou a entrar-se em fórma. Já então era dia e via-se passar na estrada, de caralina em punho, alguma patrulha de Cavalaria que ia em exploração até alem do rio Criz. Começava a affluir gente a pé, em carros, a cavalo: era a partança que recomeçára — e lá marchámos para o combate, estrada real de Vizeu fóra.

«Seguimos ao longo da grande varzea que se estendia á esquerda, fertil, alegre, vistosa, como excepção á régra montanhosa da provincia. Havia uma ou outra fonte, pitoresca, coberta por choupos e platanos, e para lá viam-se veigas fertilissimas até ao começo das quebradas da serra.

«Andámos dois quilometros quando entrámos por Montagua que, no fim de contas é uma pequena vila sem belesa nem atractivo. A administração do concelho era um casebre com uma porta e uma janela unicamente! Uma ou outra cára bonita apparecia ás janelas com olhos de sôno e o cabello por frisar.

«Depois, mais adeante, a estrada seguia por curvas, sempre, para serras. A'nossa frente passou um automovel com os Reis; a seguir um outro com velocidade louca em que ia o Infante D. Affonso; atraz, outros com varias pessoas que não conheci mas q. levantaram nuvens formidaveis de poeira que nos envolveram.

«O sol começáva a aquecer; eram sete horas quando o meu batalhão, contando por

um atalho á esquerda, subia para um alto chamado do Chão do Vento, coberto por mato gal espesso aquela hora ainda molhado pelo orvalho que nos encharcou.

«Havia um pinhal á frente que nos encobria do lado do inimigo; e como era cêdo os homens deitaram-se e nós reunimos-nos e começámos a conversar e ... a esperar.

«Em baixo, na estrada, passava muita gente; em frente, num alto, ficava a ambulancia divisionaria e mais acima, se me não engano, no alto chamado de S. Francisco, estava a familia real, o Lencastre e Menezes e todo o estado-maior general com o vistoso pelotão de Lanceiros de ordenanças.

«Comecei então, segundo o meu sistema, a observar o que havia: á direita, em baixo, passava numa trincheira funda a linha ferrea da Beira-Alta e a, a seguir, começava a serra do Gontinho; em frente havia enorme depressão que, do outro lado, e em inclinação aspera, estava coberta de pinheiros; e mais em frente o que se via era serras sobre serras, revestidas de mato e pinheiraes, separadas por enormes barrocais, em conjunto selvagem que aliás a manhã tornava leve.

«O regimento nº. 24 começou a passar na estrada para o alto do Gontinho e dois batalhões do meu, o 1º. e o 2º. foram guarnecer a margem do Teriz, á espera do ataque do inimigo que avançava desde Sª. Comba, apoiando-se na estrada e na linha ferrea.

«Seriam 9 horas quando ao longe, muito ao longe, se ouviram os primeiros tiros. Nós continuávamos a esperar porque a nossa missão era proteger a retirada da 9ª. Brigada; poderiamos ainda dormir um pôno. Conversou-se, discutiu-se, contámos anedotas e assim se passou o tempo até que vimos, a certa distancia, a bandeira do nosso regimento que era levada por um aspirante, descer por uma encosta a sete pés — como vulgarmente se diz. O inimigo aproximava-se; a Cavalaria manobrava a distancia; e a pouco e pouco as ennegradas fronteiras começáram a corroer-se com a pressa da gente que retirava.

«Começámos, por consequencia, a fazer fogo de atenção; seriam 11 horas. Os outros dois batalhões do 23 ~~xxxx~~ retiravam declaradamente; cada companhia, escalonada, ia retirando em ordem, com disciplina notavel. As ordenanças cruzávam-se; oficiais de ordens e aju-

dantes corriam em todas as direcções e o regimento 23 continuava a retirada regular que foi aplaudida por quantos a ela assistiram.

«O meu batalhão avançou então em alinhadores para o alto que dominava a grande depressão que havia em frente; e quando o inimigo que perseguia os outros dois batalhões apareceu na encosta fronteira, teve de retirar depois duma descarga dada pela minha companhia que estava apoiada na trincheira da linha férrea.

«Ficámos à espera para ver de onde de novo apareceria o inimigo; depois, e ao mesmo tempo que, companhia por companhia, foi retirando na melhor ordem, o meu batalhão continuou sustentando pequeno fogo com uma força de Infantaria nº 7 que continuava em nos na frente a mascarar qualquer movimento q. nós não percebiamos.

«Nisto, pela nossa esquerda, através do pinhal, vimos avançar uns vultos; era uma surpresa de flanco que a 3ª companhia rapidamente sustentou e repeliu até certo ponto em quanto nós eramos atacados vigorosamente pela frente, na encosta fronteira, com ameaça de nos cortarem a retirada.

«Mas não aconteceu assim. Parece que ainda estou a ver tudo: por minha conta e risco avancei com o pelotão até á linha ferrea e daí comecei com fogo vivissimo a repelir os atacantes enquanto as outras companhias procurávam melhor posição.

«Ainda durou um bom bocado esta fase do combate; andámos para traz e para deante, a dar tempo que Infantaria 24 e o resto de Infant.ª 23 seguissem pela estrada. A ambulancia retirou a todo o galope; a Cavalaria passou e tambem a Artelharia e a Engenharia; e o meu batalhão é que ficou a sustentar o ataque feito por Infantaria 7, ataque vigoroso e bem dirigido.

«Nós, no batalhão, tomámos cada qual a iniciativa que melhor pareceu porque o major quando ouvia os primeiros tiros desaparecia... Eu avancei, retirei umas poucas de vêres; a ultima fase foi bonita porque nos caíu em cima uma brigada quase inteira.

«Seria meio-dia e meia-hora quando tocou a alto ao exercicio. Unimos as forças, juntamos-nos ao regimento e fômos descançar num pinhal á beira da estrada — por onde passavam carros, carroças cheias de gen

te, cavaleiros, ranchos a pé, como se houvesse grande romaria. A região estava realmente em festa.

«Passada meia-hora de descanço seguimos para o mesmo bivaque do Vale de Açores; a estrada era a mesma só com a diferença de vermos, de quando em quando soldados de Infantaria 24 aos montes, deitados pelas valetas, contentes, sem haver no regimento quem os formasse e lhes desse o devido correctivo.

«Atravessámos novamente Mortagua e pelos mesmos sitios pitorescos seguimos o caminho da manhã no sentido inverso. A' beira dum riacho, passada Mortagua, o coronel de Inf.ª 24, o Faria Pereira, fumava o seu cigarro tranquilamente, com o cavalo preso a um chorão sem querer saber do regimento que se ia arrastando pela estrada, quase desorganizado; enquanto que o nosso, com o comand.te á frente e a musica a tocar, seguia em marcha correcta, como em cidade e não tivéssemos ás costas um exercicio pesado. Entrámos no bivaque, antes de outro qualquer regimento, seriam 2 horas da tarde.»

«24 de Outubro:

«Apenas entrados novamente no bivaque de Vale de Açores tratou-se do rancho. As panelas alinhadas nas cosinhas já fumegávam e deitavam cheiro agradavel. Formáram-se os sarilhos, os homens desequipáram-se e nós começámos tambem a tratar do nosso jantar.

«Pela estrada passáva imensa gente que ia observar os bivaques. Depois passou o regimento 24, derreado, desorganisado, sem brio; daí a pouco passava Infantaria nº 7, de Leiria, a seguir o nº 15, de Tomar quando o nosso, descançadamente, já comia o rancho. Quando nos sentámos para o nosso jantar ainda se via na estrada, em grupos, soldadados do 24, á procura do regimento num estado de aceio terrivel, cantando, sem qualquer especie de disciplina.

«Nós, tranquilamente, iamos saboreando a nossa refeição. Uns padres, que passáram na estrada e ficáram a olhar para nós com curiosidade, foram convidados amavelmente a participarem do jantar; aceitáram, é claro e lá seguiram ao seu destino depois

se bebessem uns copos de vinho e trincassem qualquer iguaria. E assim, com boa disposição se foi passando o tempo até tocar a nova formatura.

«E aí vamos nós pela estrada fóra, com a banda a tocar uma marcha alegre, por tarde explendida, amena e clara, quando o sol começava a declinar. Fomos os primeiros a romper a marcha; o meu regimento ia sempre á frente, como cumpria aos vencedores das glorias no combate do dia.

«Era uma marcha agradavel; a musica entretinha e a belleza da tarde de mistura com a boa disposição do jantar, fez com que a marcha nos não custasse nada, antes fizesse com com q. fosse agradavel. Os soldados sentiam-se inspirantes com os louvores ouvidos, iam direitos, firmes, conscios duma grande superioridade e convictos de que, no dia seguinte seriam ainda mais victoriados.

«Com o declinar da tarde começou a arrefecer; a serra do Bussaco appareceu-nos na frente, enorme, como barreira formidavel; e lá ao longe, perto do mar, havia sinais de proximo nevoeiro. Os picos do Caramulo cobriam-se já de neblina. Tudo prenuncia uma

noite muito fria e o meu batalhão ia guarnecer os postos avançados.

«Fôra essa a ordem recebida e a missão era importante e incómoda. Contudo, nós os do 3.º batalhão vimos a vantagem de ficarmos a meio caminho — o que evitou o andar mais uns 4 quilometros. Realmente, já á vista da serra, quando a noite se pronunciava e fazia escurecer os montes em volta, cobertos de pinheiraes, o meu batalhão voltou á direita e seguiu por um atalho. Numa encosta pobre ceira á estrada, no meio dum pinhal, o batalhão formou em coluna e arrumou bagagens e acenderam-se fogueiras que começávam a ser necessarias.

«Já havia m.to frio; um vento do mar cortava; começámos a sentir-nos enregelados com a névoa que subia dos valeiros e ia encobrindo tudo. A profunda serra ia desaparecendo e [illegible] á volta o aspecto tornava-se muito triste. Chegaram as bagagens e os carros com falha; fizeram-se as camas e assim se passou o tempo até ás 8 horas.

«Começou então para mim um espectaculo unico e que me impressionou e não é facil esquecer.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

«Na estrada, passávam sucessivam.te as diferentes unidades que constituiam a 5.ª Divisão militar; passou Infantaria 24, com archotes acêsos, a fazer uma berraria enorme q. provocou dos nossos soldados um protesto que não deixou de ser curioso:

«— Então aí não ha oficiais? perguntavam uns soldados do meu batalhão.

«— Se os ha parecem de pán, comentava outro.

«E com estas frases expontaneas mostrávam os soldados certo orgulho pelo seu regimento.

«Quando eles iam já longe, deitei-me e no bivaque começou a cair o sossêgo ouvindo-se só o sussurrar alto dos pinheiros açoutados pelo vento frio. E, pela terceira vez, nas manobras, adormeci tranquilamente, como em boa cama.

«Mas por pouco tempo foi. Na estrada começava a passar a Artelharia, a Cavalaria, a Infantaria, as Equipagens, uma infinid.e de coisas que levou toda a noite a passar, fazendo um barulho enorme, deitando para o nosso bivaque a luz dos archotes, berrando, cantando, dando-me a impressão

triste duma retirada desordenada. De quando em quando um magote de soldados invadia o bivaque a perguntar pelo seu regimento: ou o 15, ou o 7 ou o 24! Um homem com uma muar entrou pelas nossas tendas a querer saber a que unid.e pertenciamos; um capitão e quatro ou cinco soldados, á uma e meia da noite inquiria se aquilo era o 15 de Tomar e um soldado perdido caiu, sem querer, na barraca do Homem Cristo — o que lhe valeu dois pontapés...

«E assim sucessivamente toda a noite, numa verdadeira desordem que deu a impressão do que poderá ser uma retirada depois duma derrota. As carretas e equipagens faziam tal barulho que custou a dormir naquele malfadado bivaque. Passei o resto da noite quase sempre acordado.»

«30 de Outubro.

«Quando tocou á alvorada, tive um momento de terror! Sobre os panos da tenda caía chuva, em grandes pingos, silenciosamente, ao mesmo tempo que entrava um frio incrivel pela boca da barraca. Senti um arrepío e a garganta tomada.

«Imaginei logo um terrivel dia de chuva fustigada pelo vento do mar, os soldados encharcados, a terra toda ensopada — e lembrei-me da minha ida a Arganil.

«Mas deitei a cabeça fóra: era nevoeiro de tal forma denso e baixo que se não via nada e os pingos da agua eram dos pinheiros humedecidos pela nevoa. Uma manhã desagradavel.

«O rancheiro tinha-se esquecido de fazer o café e o capitão berrava pelo sargento de rancho; os cavalos relinchávam mas á volta tudo estava escurissimo, ainda noite cerrada. Acendeu-se uma fogueira a muito custo e á luz escassa que deitava os vultos pareciam gigantes pela sombra projectada e nós tropeçávamos a todo o momento em pedreguthos, em raizes salientes e nas espias das tendas.

«Como nos outros dias, tomou-se o café, levantou-se o bivaque enquanto o dia ia aclarando e a luz do sol rompia o nevoeiro denso. Havia um frio desesperado e ao mesmo tempo que tomei café com aguardente para aquecer, comi metade dum pão de milho porque, sinceram.te, tinha fome!

«Muito ao longe, naturalmente na serra, ouviam-se vagos tiros de carneta e pela estrada começaram a passar patrulhas de cavalaria em serviço de descoberta. Apareceu um oficial do Estado-maior a indicar as posições do batalhão que devia estabelecer postos avançados para cobrir a esquerda da defesa; mas eu achei preferível comer o pão e beber o café do que ouvir o que o homem dizia e deixei aos outros o cuidado de me explicarem o grandioso plano da defesa do Buçaco.

«Assim foi. Já era dia claro há muito quando começámos a estabelecer os postos. Eu fui mandado com uma secção do meu pelotão para o fundo dum valeiro que havia em frente, junto duma casa arruinada para vigiar a passagem; e cada uma das outras fracções do batalhão foi para seu lado. Começámos então na parte seria.

«O nevoeiro não estava de todo levantado ainda, não se via a serra e para a frente pouco se descobria de modo que a situação era perigosa. Quando cheguei á casinhola é que vi o difícil da minha missão; para um e outro lado a escarpa a escarpa elevada dos serros, na frente o valeiro fundo: que ha-

via eu de fazer? As forças do lado do inimigo prendiam-me facilmente.

«Esta ideia fez-me magicar... E como a porta do casebre estava aberta resolvi mandar entrar os homens e esconde-los assim tanto quanto possivel porque, em ultimo caso, o inimigo se passasse por ali não daria pela nossa presença.

«Mas não fiquei sossegado. Fui á frente, de rastos, pelo mato, vigiar. Lá no alto havia tiroteio... De que lado seria? Eu não via nada, nem o fumo dos tiros seguér.

«De repente, escondidos pelo mato, vêjo avançar cautelosamente quatro soldados de Cavalaria, a pé, de carabina na mão. Seria alguma cilada? Chamei quatro dos meus homens e deitei-os ao pé de mim enquanto os outros, os de Cavalaria, avançávam prudentemente. Para acabar com o indeciso da situação mandei os meus levantárem-se para de lá nos verem e notar o que fariam. De facto, apenas acima do mato apareceram as cabeças dos meus, eles largáram a fugir montáram a cavalo e partiram a galope.

«Fiquei a pensar no que seria aquilo e resolvi ir-me embora quando veiu uma or

denança, da parte do capitão, dizendo-me q. fosse ter com ele. A subida foi dificilima; a encosta era escarpada e tivémos que subir a pés e mãos.

«O tiroteio, em cima, continuava; quando lá cheguei o capitão mandou-me vigiar a estrada, na direita; mas, que sorte a minha! ao esconder os homens para lhes dar um pouco de descanço, vejo avançar uma patrulha inimiga a uns 200 metros! Fiz sinal ao capitão e esperava que a patrulha chegasse perto para a aprisionar; mas ela desconfiou de qualquer coisa e fugiu.

«Nisto, o capitão com o resto da companhia que continuava sempre a manter o fôgo, começou a retirar e eu retirei com eles até ao alto onde esteve o nosso bivaque.

«E cheguei a um momento comico das manobras: retirávamos em más circunstancias, para resistir numa pessima posição; mas depois de tudo disposto e depois de eu ter ocupado a estrada na melhor situação compatível com o terreno, sinto o galope dum cavalo.

«Era o ajudante do general: que parássemos com o fogo! que teria de haver meia hora de espera!...

«O cavalo deitava um vapor enorme da transpiração consequencia de quatro quilometros de galope. Eu, intrigado, atrevi-me a perguntar o que teria havido. O oficial, com cara de comprometido, explicou:

«— E' que Infantaria 24 ainda não tomára o café...

«... E nisto se resume todo o espectaculoso espavento do sr. Pimentel Pinto!...»

«6 de Novembro.

«Deixando sem mais comentarios a historia cómica e pitoresca do café do regim.to de Infantaria 24, siga-se a historia do meu pequeno posto.

«Estivémos, talvez, meia-hora em descanço. Tomámos depois novas posições mais á rectaguarda e melhores. Eu fiquei numa dóbra de terreno coberto de pinheiros em frente da qual havia funda depressão. A' minha direita estava o prim.º pelotão da minha companhia comandado pelo aspirante Tavares e mais sobre a frente estava o 1.º sargento com uma secção, em serviço de vigilancia. A' minha esquerda tinha a companhia do Homem Cristo, tambem em pequenos postos.

«Esperou-se, pois, que o inimigo aparecesse. E enquanto este não vinha, comecei a avaliar a minha situação que, á primeira vista, não parecia boa.

«Calculei por onde o inimigo deveria aparecer; olhei para a linha de retirada que era um vale fundo e estreito sem arvores lá nos baixos e coberto de pinhais nas duas encostas e ainda por cima bastante comprido. Pareceu-me, pois, que se o inimigo aparecesse pela direita (que seria o mais provavel) enquanto atacasse o posto desse lado eu não teria tempo de alcançar o alto do vale para retirar. Alem disso se quizesse dirigir-me para o vale teria que passar a descoberto.

«Isto começou a preocupar-me. Vou ficar preso, com certeza, pensava eu. Se eles aparecem, o Homem Cristo retira e eu fico sósinho no pinhal com a retirada cortada. E continuando a pensar resolvi sair da atrapalhação em que me via. E sem hesitar, fui passando os homens, a um e um, por detraz da dobra do terreno e correndo agachados, para uma pequena trincheira natural que havia perto do começo do declive por onde teria e devia retirar.

«O major, esse, não aparecia. Quando se ouvia o primeiro tiro era certo e sabido que o major desaparecia sempre...

«Cautelosamente, pois, com todos os artifícios possíveis, comecei a mudar os homens e depois de os ter escondidos, passei a observar o que havia na frente.

«Muito ao longe, notei Cavalaria, num grande parro; e mais perto, com o binoculo, pareceu-me ver mexerem-se no escuro dos pinhais uns vultos em certa quantidade. Estive assim, uma meia-hora, de binoculo em punho, observando com cuidado, até que ouvi uma descarga... Olha: a reacção do 1º parapeito fizera fogo; depois, segunda descarga, terceira, quarta e quinta!

«Houve certa comoção. O que se teria passado? A seguir, estrondoso, pôs um tiro de Artelharia a uns 200 ou 300 metros na nª frente. Os homens do 1º parapeito deitaram a correr, vertiginosamente, por uma lomba bem definida, para o lado onde estava o capitão.

«Então vi um explendido espectaculo, como que de magica: na frente, em todas as eminências, apareceram soldados, fazendo

sobre nós um fogo vivissimo; da esquerda e da direita tambem e eu, como não queria mostrar a minha secção, não respondi.

«O Homem Cristo, porem, respondeu e o meu capitão tambem e desenvolveu o pelotão; estes movimentos fizeram supor ao inimigo que, do nosso lado, havia muito mais gente o que o fez desenvolver mais forças e a atacar com mais vigôr.

«Houve tiroteio bem sustentado; mas de repente as forças inimigas avançaram com energia, como quem queria envolver a nossa esquerda. Corri então grande perigo; olhei para o lado do Homem Cristo e não vi ninguem; olhei para a direita e vi que o capitão Freitas, como não podia sustentar-se começou a retirar pela encosta oposta á do vale em que eu estava. Notei então que ficára isolado e que ficaria perdido se não fugisse; o inimigo dera pela m.ª secção e avançáva. Não havia tempo a perder: a descida seria quase a prumo para chegar ao vale mas não havia outro qualquer remedio...

«— Rapazes! toca a safar! antes uma perna quebrada do que ficarmos prisioneiros! Vamos a isto!...

«E foi o exemplo: lancei-me pela encosta escorregadia ainda com o orvalho forte da madrugada. Os homens seguiram-me todos, a rir, a achar graça á aventura...

«Nisto, outro estrondo formidavel por sobre a nossa cabeça: segundo tiro de Artilharia que fez rogar algumas pragas aos soldados mesmo durante a corrida vertiginosa. O tiroteio continuava sempre intenso e eu, de vez em quando olhava para cima, a ver se elas apareciam...

«Ao chegar ao fundo do valeiro esperei que se reunissem todos e mandei-os á frente, sempre a correr, com a possivel velocidade, pelo caminho estreito do vale que se chamava o Vale da Cal; mas encostas ninguem mas eu estava sempre á espera de ver aparecerem os Caçadores, lá no alto, a fazerem-me fogo graze á queima-roupa.

«— Vá rapazes! Corram, que não ha tempo para vapores!...

«E realmente corriamos. Seria mais de um quilometro de corrida vertiginosa; todos iamos de boca aberta, ofegantes, com desejos de agua. Quando chegou á extremidade do valeiro e me encontrei com um outro, mas mais am-

plo, consegui respirar. Parei á espéra dos homens que correram menos e vi, em frente, a grande encosta da serra do Buçaco, coberta de gente, e no alto dum atalho que começava no sitio onde estava, o moinho do Milijoso que era o nosso objectivo.

«A uns 50 metros, havia umas casinholas da povoação do Milijoso; e por sobre as casas, abrigada, vi a 3ª companhia do meu batalhão, em linha, em posição propria para nos defender a retirada. Era a reserva do sector. Descancei então! Reuni os homens e enquanto os tiros se ouviam de todos os lados fui, a coberto, para a povoação juntar-me á reserva. Umas mulheres levaram-nos agua: foi uma consolação!

«Depois disto reuni os homens, atraz da 3ª companhia e observei e observei o que se passava: o meu capitão retirava ainda batendo-se tiro a tiro até que o inimigo perante a reserva bem colocada parou o tiroteio; e o Homem Cristo retirava, pela esquerda em boa ordem.

«Foi curiosa a chegada destes, moidos, cançados, e sujos de poeira. Apenas chegou o meu capitão Freitas perguntou: "o que é

feito do meu alferes?" e quando me viu disse logo: "estava convencido de que você ficára prisioneiro!" Depois chegou o aspirante Tavares e o 1º sargento e ambos perguntaram: "que é do nosso alferes?" E até o Sr. meu Cristo, com o seu vozeirão, berrou lógo, a distancia: "então o Pimenta já chegou? q. diabo lhe aconteceu?"

«Vê-se, pois, o perigo em que andei.

«Reunido o batalhão subimos a encosta do Milijoso para reunirmos á Brigada; a subida foi penosa e lá em cima, voltámos a estender para fazer frente a novo movim.to envolvente pela esquerda.

«O efeito era surpreendente. A serra estava coberta de gente e de fumo. Só visto. O Pimentel Pinto é, de facto, um grande festeiro.

«Mas as manobras estavam acabadas; o exercicio estava no fim. Ainda fui com uns seis homem fazer uma exploração para os lados da linha ferrea porque se receava qualquer ataque de Cavalaria. Mas nada vi de estranho e assim se acabaram as manobras.

«Seria 1 hora da tarde, tocou a alto. O batalhão uniu-se e marchou para a estrada á procura do regimento. Havia imensa gen-

te, muita poeira e calor. Coisa incrivel! e quando entrámos na fórmia, com todo o regimento, seguimos para as portas da Rainha e entrámos na mata. Por toda a parte havia tropa, de todas as armas, equipagens, ambulancias, um inferno! Dentro da mata havia mercearias, jantares, pândegas. Uma festança continuada.

«E o regimento seguiu sempre, na melhor ordem; quando passou pelo paço real houve ovação que eu não ouvi porque vinha na cauda da coluna. Muitas damas pelas janelas, oficiais a cavalo, carros, automoveis, cavaleiros janotas... um arraial.

«Seriam duas horas e meia da tarde entrámos no bivaque onde estivémos no primeiro dia; distribuiu-se o rancho aos soldados e nós, oficiais, tratámos de jantar logo, durante as manobras, só jantáramos... Isto é: só tinhamos uma refeição.

«Depois... ainda fomos ao Luso, de tipóia, a convite dum amigo do capitão que apareceu com o seu carro — e ainda bebêmos uma taça de champagne oferecida pelo mesmo individuo que se entusiasmou com as manobras.

«Voltámos bréve, pouco mais das dez horas da noite; entramos no bivaque sem novidade; tudo dormia. E como quem cumprira com o seu dever, tambem dormimos bem e sossegados.»

«14 de Novembro.

«No dia 7 de Setembro tocou á alvorada mais tarde; a manhã humida mas excelente e logo de todos os lados se fizeram ouvir toques de corneta e de clarim. O acampamento animáva-se; os homens começáram segundo o costume a acender fogueiras com a palha das camas o que dava aspecto fantastico no meio do escuro dos pinhais.

«Depois, o dia aclarou; ao longe divisava-se a planicie por entre os troncos e o nevoeiro descia sensivelmente deixando ver a nú o escalvado da serra.

«Tomou-se o café e daí a pouco sentimos uma musica e pelo caminho que nos separava do regimento de Infant.ª n.º 24, passou o batalhão de Caçadores n.º 6 que descia para a Pampilhosa tomar o comboio para Santarem; depois, na estrada, passou Infantaria n.º 7 e lá disse adeus ao Manuel de

Almeida sempre encolhido e acanhado, como era o seu feitio.

«Os outros regimentos passáram todos. O nosso só partia á 1 h. da tarde e o capitão teve logo o cuidado de mandar vir almoço de Luso, fresco, para despedida... E assim foi. Veiu um explendido almoço que se comeu enquanto na estrada e mais ao longe passava a Cavalaria, a Arte Maria e a Engenharia. Foi despedida alegre.

«Por fim chegou-nos a vez. Formámos e lá fomos pela estrada cheia de sol e poeira para a estação de Luso onde nos esperava um longo comboio vazio. Senti então certa pêna de ter acabado a festa...

«Sentado no muro de suporte da estrada que deita para o vale da Varzea, perto da estação, desejei intimamente que as manobras durassem ainda mais uns quatro dias ou até oito, que ficaria satisfeito e contente. Mas não: seriam duas horas e meia o comboio partiu, linha fóra, entre pinheirais — até que ás 3 horas e qualquer coisa, em Coimbra, ao entrarmos na estação ouvimos, de todos os lados, palmas, vivas e foguetes. Era a recepção entusiastica que a terra preparava ao seu

regimento, sem se lembrar que, ha um ano, o tinha apedrejado na altura duns tumultos.

«Enfim...

«Pelas ruas era multidão compacta que a custo se continha; nós iamos aos encontrões e ouviam-se vivas, lançávam-se foguetes e batiam-se palmas...

«Era uma apoteóse!...

«Mas, meia-hora depois, quando em minha casa estava mergulhado num banho reparadôr, pensei para comigo que, afinal, não ha nada como a comodidade, o sossêgo, e um pouco de higiéne. E depois, enquanto jantava, vi que não ha nada como jantar bem em casa, pacatamente, longe dos jantares de campanha que muitos chamáram pic-niques divertidos...

«E assim acabaram as manobras do Buçaco.»

Talvêz fosse longa a transcrição destas impressões bem humoradas do momento. Porem, ao reuni-las ha pouco para organizar estes Memorias, tive pena de as inutilisar.

São um tanto ou quanto pretenciosas, é certo; isto é, cheiram a preocupações de

boa prosa que, na verdade, eu tinha nesse tempo. Mas, apesar de tudo, como se vê facilmente, andava ainda muito atrazado.

«Vocabulario pobre, estilo frouxo, andava ainda á procura da fórma — que aliás nunca alcancei.

Têm, porem, as notas, um valor especial: o de serem documento que posso dizer authentico do que eram manobras no tempo feliz do ministro Pimentel Pinto. Como tal as notas merecearam arquivadas.

Coimbra:
8 de Abril – 15 de Maio
de 1957.

III

« . . . . . Olha por quantos
Caminhos não andámos ! . . . . . »

Antero de Quental: *Solemnia verba*,
pag. 119, dos *Sonetos*, ed. de 1890.

E assim se passou o primeiro ano do meu serviço regimental em que as minhas noites e as diligencias contrariaram a pensadoria da vida interna do quartel.

Mas esse ano passado o que é que me trouxe de interesse ou de prazer?

De mês em quando, o capitão Domingos de Freitas aproveitava-me as tendencias literarias para certos relatorios ou exposições. Ele escrevia correntemente, mas era cábula e encarregava o alferes desse trabalho. Guardei dessas missões um relatorio sobre a instrução aos recrutas analfabetos pelo metodo de João de Deus que foi todo feito por mim e

fica copiado noutro lugar.[1] Os proprios problemas tacticos que nos davam para resolver, os relatórios de sindicancias e outros pequenos nadas da rotina do quartel, tinham sempre certa forma literaria correcta, eram feitos com o melhor metodo e primávam pela boa aparencia da letra e do arranjo a que poderei chamar tipografico[2] — o que denunciava, aparte o temperamento ordenado que herdei do Pai, a remota lembrança de menino nado e creado em casa de tipografia.

Escrevia, então, por desfastio e a tôrto e a direito, ou em cartas ou em notas soltas para depois reunir em volume, um ou outro comentario ligeiro a sucessos da epoca ou a casos que comigo se davam e que não transmiti á imprensa como fiz com outros que depois juntei em um volume de recortes, hoje brochado e guardado entre os meus trabalhos publicados.

Assim, por exemplo, deixarei uma ou outra amostra para dar ideia, embora vaga,

---

(1) No vol.e mus. A minha vida militar. Documentos, pag. . . .

(2) No mesmo volume . . .

do meu estado de espírito sempre pronto para vaguear pelos mundos da fantasia e... das bagatelas.

Em ocasião de prisão em casa, por doença, deixei este bocado de prosa que, naturalmente, quereria ter ironia leve e graciosa á maneira de João Chagas cujas cronicas eu então muito apreciava:

« Coimbra: 3 de Maio de 1906.

« Uma coisa curiosa, sem duvida, q. se tem dado em mim, com esta reclusão forçada, tem sido o gosto de... ler O Seculo! Sim, de ler o suculento, o substancioso Seculo...

« Eu raramente leio jornais. Absolutamente nada me preocupa o que vai por esse mundo: catastrofes, guerras, suicidios, politica, religião, ciencia. Tudo para mim é indiferente e bem indiferente e não lhe dou o valor do trabalho da leitura.

« Contudo, esta reclusão em casa tem-me feito ler O Seculo, á noite, quando me deito, mas regulamentarmente, sem faltar nada, desde os anuncios até ao inevitavel artigo de fundo.

«Esta incrivel mudança no meu ser, tão fóra de todo o proposito, que me tem levado á leitura atenta e severa dessa vastidão de materia impressa (como diria Eça de Queiroz) é, na verdade, bem inexplicavel!

«Como se muda assim um caracter, um feitio, um modo de ser? A explicação de tal coisa, absurda em principio, não a sei e ainda bem que a não sei! A verdade, a crua e inexplicavel verdade é que, serenamente, tranquilamente deitado na cama, eu começo a ler á luz triste da véla, essa coisa pavorosamente estupida que se chama O Seculo; o arbigo de fundo, as informações, quem conferenciou com os ministros, os diz-se, os consta, o congresso de medicina, os telegramas pitorescos da Provincia, as eleições — enfim, essa tal vastidão de materia impressa que termina pelos anuncios; desde o anuncio de creada de servir ao ignobil reclamo das pilulas Pinck.

«E não é só o facto da leitura, na aparencia natural, que eu estranho. Não. É que ler, ao deitar da cama, O Seculo é entrar definitivamente numa carreira de ordem, numa existencia regularmente conservadora e sé-

ria ; não ha nada que mais defina um caracter que a leitura consciente do jornal...

«Ainda ha pouco, o meu amigo Artur Heintze Ribeiro Nunes me escreveu do fundo do seu lar feliz, á beira do doce e pitoresco Almonda, em Torres Novas, e me dizia que, até que enfim eu deixava a vida do boémio que tenho sido, que ia entrar na doce vida do casamento...

«Eu ri-me! Boémio... eu! Talvez que os meus 26 annos de solteiro lhe deem o direito de me chamar boémio, como uma creatura que se não preoccupa com a prisão matrimonial. Sim, talvez.

«Mas eis que surge inopinadamente agora essa prova irrefutavel do abandono dessa <u>boémia</u> livre e despreoccupada: a leitura d'<u>O Seculo</u>, ao deitar!

«Sim, ele chamou-me boémio porque sempre [redacted] conheceu o meu feitio de indifferente pelas vaidades do mundo ou pelas ideias em voga; mas agora surge essa leitura do jornal como a prova mais concludente de que essa indifferença desapparece, de que essa abstracção foge e de que todo o meu ser, compenetrado dos graves deveres da ordem e da

paz, vai entrar serenamente, docemente, no doce caminho duma felicidade inenarravel...

«O Seculo principio augusto da paz, simbolo grave e austero da ordem, lido ao deitar da cama, tem sido para mim aquilo que os Liberais de 34, num dos seus momentos criticos, chamaram a reviravolta...

«... E aqui está como, sem fazer mal a ninguem, consegui entreter coisa de quarto de hora, á custa d'O Seculo — um simples papel impresso que custa dez reis...»

De outra vez, no dia da inauguração duma estrada que ficou ligando a povoação do Chelo á estrada de Coimbra a Penacova no lugar da Robordosa, eu entrei, pela primeira vez, em um automovel. Fui lá a convite do Domingos de Freitas, por cuja influencia se fez a estrada; e ia com o bom Bernardo Pedro então estudante, nessa altura meu companheiro assiduo.

A nota que tomei só tem o valor de celebrar a minha iniciação automobilistica, nos bons tempos dos automoveis abertos, muito compridos, pesados e barulhentos. Não tem

pretensões a prosa literaria nem intenções de humorismo. E' apenas a fixação dum sucesso novo na m.ª vida:

«Coimbra: 17 de Setembro de 1906.

«Agora, 4 horas da tarde, estou a escrever debaixo da sensação das quatro leguas e meia de estrada percorridas em pouco mais de meia hora em automovel, um explendido automovel da Direcção das Obras Publicas.

«Fomos, eu e o Bernardo Pedro, de manhã, para o Chelo, onde o Domingos de Freitas preparára um almoço em casa dum amigo. Esperámos pelo Director das Obras Publicas, o engenh.º Teofilo da Costa Gois que ia ver o trabalho dos empreiteiros; seguiu-se um almoço á moda antiga, lauto, enorme, que só acabou pelas 2 horas.

«Depois descêmos á estrada, entrámos no automovel por convite do Costa Gois e fomos ver a nova ponte que liga Penacova com a margem esquerda do rio e seriam 3 horas e um quarto o chauffeur começou, com mão firme a guiar o carro pela sinuosa estrada e, em pouco mais de meia-hora, estávamos em Coimbra.

«Velocidade admiravel que deixa na cara a sensação duma grande ventania.

«O chauffeur, por ordem do Director vem trazer-me a casa e agora aqui estou, com o rosto um pouco afogueado pelo vento e contente com o passeio, a escrever rapidas impressões da novidade.

«Ha muitos anos que não andava por aqueles sitios; tive a sensação de quase ver de novo locais cuja recordação era muito longinqua se bem que agradavel.

«Tudo ajudou a tornar o passeio cheio de interesse e que não esquecerá facilmente.»

Ainda outra amostra, deixada em carta para m.ª Mulher, a proposito do dia anniversario dos reis que calhava a 28 de Setembro. Esta quer ter graça, tambem no genero de certas paginas de Ramalho Ortigão ou do João Chagas: ironia léve, sem ofender...

Aí vai. E quem um dia me ler, não leve a mal.

«Coimbra: 28 de Setemb.º de 1906.

«Ha um ano estava eu em Mafra, no dia de hoje. De madrugada, a Fanfarra

acordou-me suavemente com a alvorada alegre, a saber a toques de quartel e a canto de avesinhas [1]; mais tarde, os carrilhões lançaram para o espaço o hino nacional, triunfalmente, de meia e meia hora; e a guarnição militar deitava aos ombros as granadeiras da ordenança e punha no bonnet o penacho vermelho de grande gala.

«Sinais dum dia festivo imposto pelo calendario...

«O calendario, quer seja o mais modesto calendario de algibeira quer seja o do mais luxuoso almanaque da diplomacia, é para estes casos o supra-sumo do saber... Um simples Borda d'Agua evita uma formatura em matematica ou em teologia...

«Depois, nesses dias privilegiados pelo alto saber do almanaque, as personagens importantes que têem qualquer especie de interferencia no regosijo imposto pelo mesmo tirânico e autoritario almanaque, começam desde manhã, na impaciencia imposta por qualquer coisa de extraordinario ou, pelo menos,

---

(1) Esta fanfarra, era uma filarmonica que se enfeitulava «Real Fanfarra Mafrense.»

fóra do normal. E quando chega a hora impos-
tá pela pragmática, elas lá vão, essas personá-
gens todas, em belos trens, com a irrepreensível
casaca preta, com as fardas douradas de certos
corpos, com as fardas espaventosas do exercito
de mar e terra, com as fardas pomposas dos
embaixadores estrangeiros, num anté-gosto
inamarravel da curvatura fina, distinta, exage-
rada até, porque aquelas que, pelo simples fac-
tó de fazerem anos — realidade triste! — vão
de ver passar porque si, derêdas sobre derê-
das de troncos curvados, de cabeças brancas
caídas respeitosamente, de peitos fortes cober-
tos de medalhas heroicas dobrados submissa-
mente.

«A pragmática, que é como quem diz
o calendario, manda que se façam as curva-
turas; a pragmática manda que elas se re-
colham amavelmente...

«Oh! a pragmática!...»

Bagatélas como se vê, que não fazem
mal a ninguem, que me davam prazer em
escrever e que, como acontece com o José
de Barros quando tentam o seu Clarimundo,
me iam afogando a pena.

Em outros volumes manuscritos deixo varias lembranças desse periodo passado para relêr na vida do regimento — volumes que ficarão juntos a estas memorias para o que dér e vier.

Mas aqui poderão ficar umas paginas saudosas escritas pouco depois da morte do maj or Fernando Maia que fôra meu professôr na Escola do Exercito.

A esta morte prematura, pois tinha 51 anos de idade apenas, impressionou-me. Este major Maia era um professôr correcto, leal e sabedôr. A sua aparencia rigida ocultava um coração e eu notava-lhe a boa prosa dos seus compendios, a maneira atraente das suas exposições.[1]

Com o tempo e a minha experiencia do exercito é que fui avaliando estas qualidades que lhe vinham de (antes de professôr na Escola e tratadista de Tactica) ser jornalista no Porto de onde era natural, conviver com a melhor roda literaria do tempo e, possivelmente, receber influencia do pai que foi ho-

---

(1) Falei dele no 1º volume destas memorias a pag.ª 333 e 346.

mem de letras e professôr de Literatura, o conhecido Delfim Maria de Oliveira Maia por cujo compendio estudei no meu ano do Liceu.

No exercito ha muito a basófia de que a Escola do Exercito é suficiente treino de cultura; mas a verdade é que só se distinguem aqueles que cá fóra teem convivencia diferente e variada.

Ora as paginas que escrevi, em Janeiro de 1905, provocadas pela morte do professor que fiquei considerando por muitos motivos, podem ficar aqui copiadas porque foram, na verdade, sentidas. Com lixeiras variantes e uma ou outra omissão publiquei-as em 1950 na revista O Tripeiro (vol. VI, pag. 28-29) pois o major Maia era portuense.

Apesar de atraz ter escrito que não copiaria estas velhas paginas, decido-me, afinal, a deixa-las aqui. Tambem são pedaços de memorias.

« O major Fernando Maia.

« Morreu no dia 13 de Dezembro do ano que acabou, o major de Cavalaria Fernando da Costa Maia, lente da Escola do Exercito.

«Lastimei sinceram.te a sua perda. Fôra meu professôr e, como tal, devo-lhe o ter me deixado passar em dois exames sendo eu um dos cabulas maiores do meu curso.

«O major Maia não era das individualidades mais simpaticas nem dos professores mais queridos. O seu aspecto não era, de facto, dos mais agradaveis: alto, forte, boa figura de militar, tinha contudo uma aparencia rude, sêca, de onde lhe provinha o tratamento de prussiano com que nós o mimoseávamos. Andava sempre com belo aprumo, cabeça alta, marcialmente; e a dureza da sua expressão fazia com que o considerassemos mal e lhe aferissemos as qualidades morais pelo rigor militar do seu uniforme, pelo cabelo cortado bem rente ou pela fórma como cumpria e fazia cumprir os deveres da sua posição. Isto é, nos julgávamos a sua alma, o seu coração, a sua inteligencia, tão cortados á escovinha como o seu cabelo, tão abotoados como a sua farda ou tão bem engraxados como a sua irrepreensivel bota alta.

«Quando qualquer de nós o via ao longe, fugia para qualquer porta porque a consciencia acusáva-nos imediatamente de não

trazermos furadinhas nas calças, de nos faltarem botões no dolaman, ou de o colarinho sair dois dedos acima da gola... E a consciencia é ainda uma grande coisa.

«Mas o meio é mau; e nem nós sabemos bem o que vale um professor — como professor e como homem — enquanto somos discipulos. O estudante, em geral, acha mau o professor e quando o estudante é cábula, como eu fui, acha-o sempre um tratante! E eu confesso: todos os meus professores foram uns refinadissimos marotos...

«Depois, quando nos encontramos fora das escolas, quando vemos friamente o passado, avaliâmos com mais lucidez o que foi o nosso curso; por isso, quando li a noticia da morte do major Maia eu — que apesar de rido sempre gostei dele — lastimei sinceramente o seu desaparecimento porque, confesso, achava o major um bom professor e sempre o vira como excelente homem e excelente militar.

«Era, dizem o que disseram, um homem inteligente; os seus livros, que não são obras-primas, são positivamente obras de trabalho grande, de erudição e proficiencia militar. Os seus livros lêem-se com agrado;

os assuntos são tratados com lucidez e precisão; e se a opinião de todos não é esta é porque alguns dos livros são e teem sido, infelizmente, adoptados nas aulas: para aqueles que tiverem que estudar por eles, bem sabemos nós todos que são uns livros mal feitos...

«A' entrada para a aula, sempre perfilado, esperava que entrasse o ultimo aluno para mandar sentar e para se sentar. Dava uma vista de olhos pelas bancadas do anfiteatro e folheando uma pauta especial, chamava um á lição com a sua voz rouca, proveniente de antiga doença de garganta.

«Esse um descia, sentava-se na estremidade da mêsa, do lado direito dele e sentia colicas; e a lição começáva e acabava sem que ele olhasse uma só vez para o aluno; olhava sempre em frente ou para a pauta, fazendo voltear entre os dedos da mão direita um lapis, um terrivel lapis.

«Foi assim que eu, um dia, logo no principio, quando me preparáva para continuar a leitura de qualquer noticia d'O Seculo, ouvi a sua vóz rouca chamar pelo meu numero:

«— O senhor nº. 83!

«Eu ia caindo!... Tinha, no quarto, aberto

as folhas do compendio correspondentes á lição e apenas reparára no começo do capitulo (porque a lição começára no capitulo não sei quantos) numa frase que era, se bem me recordo: "A marcha, diz Lewal, é o soldado moral da guerra..."

«Com esta bagagem não sei como poderia fazer a viagem até á ilha, quanto mais até dar uma lição! Mas lá fui...

«Ele olhou logo para mim, como fazia ao principio, para nos conhecer; eu penteei-me, abri o livro na altura devida e depois de ter lançado um olhar de despedida ao curso, olhei para o professor. Este continuava com o lápis entre os dedos a perguntar-me onde começava a lição.

«Isso, oh Providencia! ainda eu sabia... Ganhei coragem, e arranjei a melhor maneira deste mundo, o melhor modo, a voz mais suave que pude arranjar, o olhar mais terno que tinha e comecei com resolução e ânimo:

«— Saberá Vossa Excelencia...

«E disse-lhe onde começava a lição. Oh Santo Deus dos cristãos! ao menos sabia onde ela começára.

«Em seguida, ouvi perguntar-me novamente o que era «marcha.»

«— Segundo a opinião do general alemão Lewal... comecei eu, bem triste porque aqui terminava toda a minha ciencia.

«Mas ele enrugou a testa, franziu o sobrolho... Eu disse de mim para mim que estava perdido... Vi-o bater secamente com o lapis no tinteiro antigo e disse-me um pouco asperamente:

«— Não é alemão, é francês!

«Aquele terrivel W tinha-me enganado!... E o engano não lhe agradou, de certo; mas eu recomecei sem pestanejar, com animo, com resolução:

«— Segundo a opinião do general francês Lewal, a marcha é o estado normal da guerra...

«E por aí fóra, o que o livro dizia.

«Foi assim que dei a primeira lição ao major Maia. Ele, sempre direito, sem tirar os olhos ou das bancadas da frente ou da mêza, não viu que a lição que lhe dei foi toda lida pelo livro, aberto em frente, no que felizmente era pratico. E é deste dia que dáta a minha gratidão para com ele.

«Deu-me 11 valores que era, na sua cadeira, uma nota excelente; mas a verdade é que me ficou sempre a roer na consciencia o tê-lo enganado, o tê-lo burlado, sendo ele de mais a mais tão leal para os discipulos que não olhava para eles no receio de os atrapalhar, de não ficárem á vontade sob as suas vistas. Fiquei-lhe sempre grato desde então e debaixo do aspecto severo e rigido do militar rigoroso eu comecei a ver-lhe certas qualidades de homem bom, de homem sério e justo que o estremava, aos meus olhos, da maior parte dos seus colegas — quase todos fraudulagem exquisita que se vergava facilmente aos empenhos.

«O seu aprumo constante mostrava bem a rectidão da sua consciencia. As suas decisões eram, para mim, das mais serias, das mais rectas.

«Um dia, num exame escrito para a cadeira dele tive 3 valores!... Mas foram demais, até... Pois se eu respondi ao ponto que era: «Combate do batalhão enquadrado» arranjando um quadrado inexpugnavel com uma companhia em cada face e o comand.te do batalhão, de dentro, a dar a voz de "fogo!"

«Foi uma, realmente!

«Depois vim a saber que os 3 valores foram dados pela forma literaria com que descrevi a minha descoberta tactica e por uma evocação sentimental ao primeiro quadrado do condestavel Num'alvares.(1)

«Outro qualquer ter-me-ia dado, talvez, um zero.

«Sabia avaliar. Nunca nos estendia a mão ao contrario de quase todos os outros professores. Chamávam-lhe, por isso, malcreado, os cadetes; mas a meu ver era sómente uma questão de interpretação dos regulamentos da profissão que tinha. No seu modo de ver as coisas, não sabia estremar o filho de um ajudante do rei, do filho dum operario desde que, vestindo uma farda, fossem igualmente praças de pret embora o galão de cadete nos ficasse ter farroncas de senhoria. Para ele, eramos todos iguais.

«Um dia, á entrada da aula, apontou um aluno ao oficial de serviço por ir inconvenientemente uniformisado. O major Maia não tinha visto quem era o aluno; só depois viu que

era o filho de um seu antigo condiscipulo e intimo amigo, tambem oficial superior de Cavalaria. Lastimou, teve muita pena, foi no dia seguinte ter com o seu amigo, mas um castigo lá veiu á ordem escolar e o meu condiscipulo esteve dois dias engaiolado.(1)

« Por isto tudo, não se gostava dele; a frieza e o ar seco que tinha eram antipaticos a todos. Quando um grupo de cadetes o via ao longe, dizia-se logo, com ar de terror, como se estivesse eminente uma pavorosa bomba de dinamite:

« — Lá vem o Maia!

« Sempre serio, imperturbavel, não me lembro de o ter visto rir a não ser com uma garotice engraçada dum condiscipulo.(2)

« Perguntava-lhe o major o que entendia por "Cavalaria independente." O aluno, mais cabula do que eu e sem o recurso do livro em frente, não sabia o que responder.

« — Temos que... Temos que... E torcia os dedos dolorosamente.

---

(2) Era o João Maria Duarte Bemfeito, de Santarem. Alegre e bom rapaz.

«— Vamos, então!...

«— Sim... temos que... — e sugerindo-lhe a unica saída, a piada, concluiu — sim, a cavalaria independente é... a cavalaria da Guarda Municipal!...

«Pela unica vêz deante de mim, o major Maia perdeu a linha severa e firme de prussiano: riu-se com vontade.

«No acto final, aceitou-me benevolam.te quantas invenções tacticas eu quiz arranjar e aprovou-me. Dizia-me que sim a tudo mexendo e remexendo o terrivel lapis.

«Depois, só o tornei a ver nas manobras do Buçaco, ha uns meses, no dia da missa campal. Da canda do meu regimento vi-o passar, longe, a cavalo, hirto, com belo aprumo, sempre com a cabeça levantada, sempre com o mesmo ar com que ha anos o via perfilado á porta da aula em anfiteatro da Escola do Exercito

«Quando li a noticia da morte dele, senti que tinha mais pesar do que julgaria ter perante o triste acontecimento.

«E' que eu fiquei-lhe sempre grato; e fiquei-lhe reconhecendo as altas qualidades e que, por debaixo da couraça marcial com que

se revestia, eu senti que havia excelente coração e uma justiça que não era corrente.

«Coimbra: 21 de Janeiro de 1905.»

Estas paginas lembro-me de que foram sentidas. Hoje, ao fim de mais de meio seculo, não as nego e até as acho interessantes. A prosa é ainda a mesma, um tanto ou quanto indecisa, com pretenções. Mas, enfim, era prosa sincera — e como tal aí fica.

Foi tambem nesse mesmo periodo passado sem relevo que eu tentei dois novos romances realistas não contente com o desastre do outro começado na Escola do Exercito a que me referi no seu lugar.

Um deles foi despertado pelas minhas diligencias a Arganil, terra de que fiquei gostando bastante e onde contraí boas relações; o outro, no mesmo genero, foi provocado e tentado durante uns quinze dias que passei em Setembro de 1905 em Miranda do Corvo, ás soltas e em boa [redacted] convivencia com todas as familias da terra.

Não me recordo se cheguei a fazer qualquer plano para esses romances que se-

riam um mixto de realistas e de Julio Diniz, mas com pintura tanto quanto possivel exacta dos costumes locais, embora não mencionasse os nomes das terras.

Hoje penso como é que não via, nessa altura, o atrevimento que tal tarefa representava. Mas eu não conhecia limites para tais vôos e começava a obra que, passados os primeiros entusiasmos, esmorecia facilmente.

Como as tentativas teem poucas linhas, felizmente, podem ficar aqui copiadas como simples curiosidade.

São inofensivas.

«A névoa começára a dessipar-se, a pouco e pouco, por sobre a vila de Argasil. Pelas serras, os farrapos brancos da névoa corriam nas encostas, fugindo ao sol que subia calmo, por detraz da capelinha caiada da Senhora do Montalto e começavam a mostrar o mato escuro que cobre quase completamente as enormes serranias.

«Havia fresco, um fresco de verão, agradavel, áquela hora. Na torre da igreja, sobranceira á estrada e ao casarío da vila, o relogio batia roufenhamente as 6 horas da manhã; o

povo despertava e já havia movimento pelas ruas; as lojas abriam-se, as raparigas começavam a ir á fonte buscar agua e pelas chaminés subia um fumo branco, vermelhado, como que a indicar a primeira refeição do dia.

«Havia grande tranquilidade naquela manhã de verão; o fundo escuro das serras do nascente começava a destacar-se com os pinhais e os carreiros agrestes que subiam pela encosta; e uma neblina ténue, muito transparente, resistia ainda ao sol que começava a aquecer e a dourar os telhados da capela de Senhora.

«A vila, metida no fundo do vale, escondida no meio das encostas, animava-se. O Galvão, farmaceutico, com os olhos grandes do sono, abria a farmacia, preguiçosamente; o padre Adelino passava, madrugador, preso no casáco á moda, com bolsos ao lado, para o seu passeio da manhã.

«— Bons dias, Sm. Galvão!

«— Olá, Snr. P.e Adelino... então que madrugada...

«O P.e Adelino era rapaz novo, rainadio como lá lhe chamávam, sempre alegre e bem humorado.

«— Nada de suspeito, Sm. Galvão; venho ver se chega a força. Gosto de ver a tropa, disse o Padre indolentemente, com esforço, abrindo a bôca. Vamos a ver quem é o comandante...»

E ficou por aqui... Não houve folego para ir mais alem.

Este P.e Adelino éra então rapaz novo; chamava-se Adelino Dias Nogueira e nessa altura capelão no visinho lugar de Celavisa. Hoje está no Seminario de Coimbra, debaixo das vistas do Bispo, por causa das duvidas.

Segue-se a outra tentativa:

«O Bastos, bocejando, com os olhos papudos de sôno, e bigode caído em desalinho, abria a porta da farmacia.

«Rua acima, fazendo um cigarro, vinha o José Camilo, já pronto, com o seu andar sacudido e bréve, de gravata fina até ao cós da calça repuxada pelos suspensorios.

«— Olé! Então isso!...

«— Ver se chega a tropa.

«— Ah sim... sim... Teu Pai pediu ao coisa...

«Indolentemente tirava os taipais, remirando as obras da sua nova casa de tres andares, com pé direito e boas vistas.

«— Afinal, é mais medo que outra coisa. Teu Pai tem o seu medito, hein?... O Padre Ribeiro... esse é que a sabe toda!

«— Estás enganado, homem...

«E embrenháram-se na discussão politica ao passo que outras portas se iam abrindo e começava a passar gente rua abaixo e rua acima. O sapateiro da frente pôz a tripeça na soleira de pedra da porta; e o Móita dos carros, com o ar de antigo cocheiro de cidade, passava, rosnando com a berraria da botica.

«Ao longe, a serra era ainda uma sombra continua com a nevoa da manhã. Aos poucos, se distinguia no vale os olivêdos e os cêrros cobertos de pinhais; uma casa ou outra aparecia e o sol dourava a nevoa alta com um explendor desusado.

«Havia no ar uma humidade tenue, ligeira, fria; o Vallongo aparecia de vagar, com o vulto negro a destacar na nêvoa doirada pela luz do sol; a encosta do vale do Dueça tinha pontos brilhantes das pedras chistosas do aterro; e na linha ferrea havia já um marte-

lar forte, o sussurro dos Wagonetes deslizando na Decauville e vozes soltas dando ardeus. Era uma manhã formosissima de verão, como aquelas que só se vêem no campo onde não chega o cheiro da civilisação infernal. Mas o José' Camilo, alheio ao esplendor da madrugada, saíu escarnado da farmácia e foi rua acima, para o lado da estrada, dizendo ainda para trás:

«— Pois deixa estar, meu Primo! Amanhã é' que se vê!

«Esse amanhã era o dia das eleições dos deputados. Chamara dissolução por causa duma Traficancia com a Companhia dos Tabacos; e na vila ia a grande azáfama dos votos, pedidos para aqui, pedidos para acolá, promessas a um, juramentos a outros na esperança de vencer a grande oposição franquista cujo chefe local, o Prior (dizia-se) tinha na mão o concelho inteiro.

«— Amanhã! amanhã!... concluia ainda o José' Camilo ao voltar a esquina da casa do Batalhão.

«De facto, as eleições iam ser muito reñidas.»

E como o antecedente ficou no princípio — no que nada se perdeu.

Juntou com o original havia uns fragmentos, que não passavam de ligeiros apontamentos relativos a frases do professor primário Luciano Fernandes Falcão que teria no romance papel de certo predomínio. Deixo aqui os fragmentos, já agora, para que o alinhavado fique completo:

«. . . . . .

«— O Antero da Feira... Ah! que sublime!...

«E com um olhar terno, fundo toda a doçura na voz:

«— Sublime! sublime!

«Fez-se silencio; e o Falcão ainda de olho em alvo, acrescentou com uma ligeira tremura na voz:

«— Sublime!... »

. . . . . .

«— A canção do balancé... Sim, é uma coisa estupida, uma letra sem analogia... »

. . . . . .

«Sentiram-se passos. Através das videiras, vinham o Luciano Falcão e o José

Camilo, tranteando ambos, alegremente, um fadinho.

«— Que rico nabal, Sm. Santos, que rica sementeira de nabos! exclamava o Luciano. Muito estrume, não?»

. . . . . .

Com tudo isto, que afinal era o que hoje se chama evasões, a verdade é que cada vêr me convencia mais do engano de direcção na vida. E vagamente, comecei a pensar em me subtrair á rotina militar em que caira.

Aparte aquelas evasões de ordem literaria, valiam-me tambem as escapadas em diligencias de varias especies que davam azo a conhecer terras, estradas e atalhos e á tentação de escrever literariamente a descrição d'essas passeatas não só para meu prazer como tambem para a curiosid.e dos vindouros...

Foi assim que em 1905, pelas alturas da festa do Espirito-Santo, fui á Aldeia das Dez, com uma força, policiar a conhecida romaria da Senhora das Préces — pitoresca festança numa admiravel serra sobranceira ao Alva, com cenarios imprevistos duma ra-

ra e larga beleza que me não fartei de admirar e reter nos olhos tanto quanto possível.

Um ano depois, ainda tinha fresca na memória a volta da romaria; desse regresso a Oliveira do Hospital deixei impressões muito lipeiras numa carta para minha Mulher, impressões que, já agora, também aqui ficam.

«Coimbra: 6 de Junho de 1806.

«... É de hoje a oito dias faz um ano que eu estava em Oliveira do Hospital, de volta da Aldeia das Dez, dessa pitoresca aldeia pendurada nos alcantis da serra; um ano já como se o tempo fosse coisa que se desperdiçasse!

«Tinha eu da Aldeia; ás 6 horas começára a descer a encosta, a grande encosta do vale do rio Alva por um carrinho aos ziguezagues, por debaixo da sombra de castanheiros enormes; o dia toldou-se e ao chegar á fonte, á linda fonte «das três entradas» uma espécie de nevoeiro começou a cair.

«Atacámos de frente a encosta fronteira por um trilho escarpadio e duma inclinação assustadora; resistimos a tentação de subir de gatas, isto é: quase de rastos. Começou a chover; o carrinho não tinha fim e a serra não

mostrava o cimo; passou uma hora e o caminho começou então a alargar e o declive a tornar-se mais fraco. Já podíamos endireitar as costas, mal acostumados pela ingreme subida.

«Por fim, achamos a estrada, a grande estrada real, a «estrada da Beira», larga, com grandes curvas serenas, seguindo para a alta Beira até á Guarda. Em pouco tempo chegámos á capelinha branca da Senhora das Almas; tomámos um ligeiro fôlego, enquanto a chuva caía, fazendo pingar os dois grandes castanheiros do pequeno terreiro em frente, onde se via ainda os restos dum coreto dalguma romaria. Parece q. foi ontem, ainda!

«Depois começámos a descer por um atalho ladeado por silvas; ora se descia, ora se subia, vendo-se em breve, por decima da ondulação do terreno, as torres da igreja de Oliveira e o encarnado berrante da nova escola primária.

«Passámos então na Aldeia da Nogueira; a chuva aí foi torrencial e a força dispersou, procurando cada um acoitar-se como pôde; meti-me numa porta, em sitio onde a ruasita da aldeia estava coberta por videi-

ras numa enorme extensão; e quando a chuva consentiu lá fomos, encharcados, molhados até aos ossos, subindo uma pequena encosta, torneando uma colina, até que démos com a vila em frente, ao cimo duma calçada.

«Compuz a força; tomámos um ar bélico de quem chega duma campanha; desembainhei a espada e entrei em Oliveira do Hospital escorregando nas pedras e com as calças de linho pegadas á pele por causa da agua que caira.

«Foi assim o meu Santo Antonio, no ano passado. Este ano, daqui a sete dias, será melhor? Será piór?»

Vejo por este bocado de prosa ainda mal lançada de q. me não lembrava já e encontrei entre papelada velha, que o Santo Antonio já entrava surrateiramente e mal humorado, na minha obscura vida.

Não ha duvida que o taumaturgo não simpatisava comigo.

Ora nesse ano de 1905, no mês de Agosto, fui a Soure, com uma força para «auxiliar a manutenção da ordem publica durante a festividade da Rainha Santa Isabel

"que ali se realiza..." Levava 1 sargento, um cabo, um corneteiro e 13 soldados e ia abrilhantar os festejos que se não realizavam já ha alguns anos. Foi coisa rapida, de 14 a 16 do mês.

Houve foram um episodio que aqui vou lembrar por desfastio.

Nas procissões em terras onde não havia guarnição militar, a filarmonica ia sempre logo atraz do palio como, naturalmente, ainda hoje, a seguir ás autoridades locais. Mas em Soure, dava-se a circunstancia de haver força militar para guarda de honra e está não poder levar á sua frente uma banda civil.

Uma hora antes da procissão avisei o prior; este protestou e chamou o administrador do concelho; eu não cedi porque mesmo não podia ceder. Propuz a solução de dividir a força em duas guardas de honra, uma ao andor da Rainha Santa, outra ao palio e eu iria com o administrador no lugar proprio para as autoridades e a banda iria, então, logo atraz como desejávam.

Não aceitaram a solução proposta porque queriam o luxo da força reünida atraz do palio e das autoridades. Depois de discussão q.

mau sempre foi serêna, acalmaram os dois por colocarem a banda á frente do pálio — o que causou engulhos a toda a gente e certa raiva ao padre. Mas assim foi e tudo correu bem.

Um jornalista de Soure, foram, não deixou de lançar o seu remoque; e um correspondencia datada do 20 para qualquer jornal de Coimbra, dizia o seguinte depois de troçar do sermão prepado pelo paroco de Taueiro:

«Ainda as festas do dia 15 deixaram ao ponto em abundancia para largissimos comentarios o que, descance o leitor, não faremos.

«Por exemplo: na procissão presenciou-se o curioso facto da musica do Cercal ir adiante... do palio!

«Não é, pelo menos, original?»

Realmente, para a pacata vila de Soure, o caso devia ser de arromba... O episódio merecia umas papinas de boa prosa irónica que eu não sou capaz, já, de fazer.

Ora foi neste mesmo ano, depois de ter passado por estes locais em parte indiferentes, em parte divertidos, que me resolvi

em fins de Agosto a ir passar uns dias a Miranda do Corvo e matar saudades aures. Trais...

Com o meu irmão, o Francisco Rodrigues, o nº 35 da 1ª do 3º, natural do lugar de Pereira, cuma manhã saímos a caminho do Snr. da Serra, onde a romaria tradicional estava no seu auge.

Almoçei em casa do velho cirurgião Correia, amigo antigo da família; homem inteligente e bom, influente politico, sempre acolhedor que nos dias da romagem mantinha mesa posta para quem viesse.[1]

Depois, pela tarde, larguei pela lomba fora, para Miranda, e vi pela primeira vêz, com certa admiração, ao chegar á extremidade da serra, o admiravel vale, a imponente linha da cordilheira desde a Lousã ao Pico do Trevinhal. Fiquei com esse empolgante cenario nos olhos e hoje, verdadeiramente lastimo não ter já pernas para mais uma vêz ir ver lá de cima, quando a lomba começa a descer, a bacia fertil do Alhêda que sempre tanto me

---

(1) Chamava-se José Maria Correia, mais conhecido pelo "José Maria do Snr. da Serra".

encantar e onde gostei, noutros tempos, ir refrescar nos dias de calma.

Mas, afinal, é isto que se vê... A vida não é o que nós queremos e aqui estão, tristemente, a evocar coisas da mocidade e a lastimar o cansaço físico que me não deixa voltar ao alto da Lomba, para contemplar, mesmo que fosse pela última vez, a maravilha da Natureza que há meio século me encheu para sempre.

Nesses fins de Agosto e começos de Setembro a vida correu-me admiravelmente. Tinha então 25 anos, as preocupações não eram grandes e sentia-me às soltas, fóra da rotina do quartel e do seu meio ambiente. As famílias mirandesas recebiam-me com simpatia; encontrei rapazes como o Cândido Mendes dos Santos, recebedor do Concelho, o José Carrilo Bastô, antigo contemporâneo do Liceu mas já nessa altura funcionário da repartição da Fazenda, que foram excelentes companheiros e ficaram amigos para sempre.

E com uma ou outra escapada á Lousã, em dia de feira grande; a Semide onde o vigario P.e Queiroz nos ofereceu jantar farto;

a Penela e Espinhal em companhia do brasileiro Joaquim Fernandes dos Santos e família; e umas cavalgadas com o Calixto Mendes que, quando estudante, foi soldado de cavalaria em Aveiro — eu passei uns admiráveis quinze dias que me deram certa paú de moral.

Num volume de recordações das minhas andanças, deixei algumas notas relativas a esta boa escapada; não as repetirei.(1) Mas encontrei na papelada que reuni em tempos, para poder socorrer-me quando estas páginas escrevesse, umas notas da passeata ao Espinhal e Penela, escritas no dia seguinte. Devem, por isso, merecer alguma confiança...

Aí vão:

«Miranda do Corvo: 28 de Agosto

«Ontem fui a Penela e ao Espinhal. Era Domingo; gente com fato «de ver a Deus» vinha em cortejo para a missa, solenemente, pela estrada, em todos os carros das aldeias.

---

(1)

Havia um ar alegre nos caminhos e pela estrada fóra, ao trote duma parelha ligeira, vinha a vitoria dum ricaço da terra cuja esposa é uma senhora distinta e amiga do luxo, com cocheiro de libré, a dar tom aristocrata á estrada e ás ruas aldeãs.

«O Santos [1] mandára-me de manhã convidar para o passeio e para almoçar; não houve dizer-lhe que não... Fui para a greta de S. Pedro, perto das 9 horas da manhã, quando os bandos se aproximávam para a missa, admirados com a côr do meu fato de Kaki amarelo. E eram 10 horas, depois do almoço lá fómos no carro do Moita alquilador estrada fóra, com duas filhas e um filho do brasileiro.

«Belo passeio. A estrada, logo que deixa o vale, sobe por entre as serras, em curvas apertadas por entre pinheirais; de quando em quando, no fundo duma quebra da fraldeira, pontos de castanheiros ensombrávam gritantemente o caminho; alguns pontos corriam fios de agua, de pedra em pedra; e á esquerda, a serra do Espinhal le-

---

(1) Joaquim Fernandes dos Santos.

montava-se, coberta de pinheiros e cercada de rochedos fragueiros.

«Passáram-se as povoações de Vila-Nova, Vila-Flor, Sandoeira e outras; e hora e meia depois estavamos no Esfinhal.

«O Esfinhal é uma povoação grande. O ditado diz:

«Três povoações tem Portugal
Fundão, Condeixa e Esfinhal...

«Está num belo sitio: entre serras mas com um grande vale ao poente de onde se vê Penela e onde a cultura e vegetação são grandes; para a serra, fragas sobre fragas e em baixo grandes castanheiros e carvalhas em quebradas ferteis e bonitas. Ao longe a serra de Alvarge, para os lados de Pombal e o monte de Vêz. É a povoação, grande, pitoresca, com casas muito caiadas e limpas, com aspecto algum serrano, em baixo, numa lomba suave, onde o movimento era grande por ser dia de feira: frutas, hortaliças, fazendas, quinquilharias, intrujões com calicidas e antidotos contra as dores de dentes, farinogrados estafados, etc.

«Veiu logo gente da terra agarrar as filhas do Santos. Umas mulheres exclamáram

com ar de fingida admiração e certa intenção maliciosa:

« — Ora, ora! Quem aqui vem!

« — Vivam! vivam! Então que carga de agua...

« E eu, muito gráve, dentro do meu fato de Kaki amarelo, recebia as apresentações:

« — A Senhora D. Fulana... O snr. Fulano...

« — Muito prazer em conhecer Vm.ce...

« Etc. etc. Mas, desconfiadas, as damas olhavam para mim e para a filha mais velha do Santos farejando namôro.

« — Ora, ora!... Sim senhor... Muito bem...

« Eu encontrei logo um rapaz da terra, meu antigo condiscipulo, formado este ano em medicina.(1) Andei com ele, vendo os pontos melhores da vila e tirando fotografias enquanto as damas foram a uma casa qualquer. E assim se passou uma hora, em palestra com o amigo a quem se juntou um padre professôr do Seminario, em ferias, rapaz novo,

---

distinto, sempre galante com senhoras e que eu já conhecia de Coimbra.[1]

«Por fim entrámos de novo no carro e partimos, entre adenses das damas que segredávam maliciosamente coisas á filha mais velha do Santos, pela estrada de Penela, bela estrada entre renques de faias copadas. Desceu-se ao vale, passámos o Dueça quase na origem, e em pouco, ao cimo da ladeira, entrámos na feia vila de Penela, coisa horrorosa, com um castelo ao cimo, negro, talhado a prumo sobre o vale.[2] As vistas são explendidas, amplas; a vila é que é feiíssima.[2]

«Apenas fui a casa do Dr. Vitorino Peres, um antigo amigo de meu Avô e de meu Pai; visita de medico, sómente; e de novo recomeçámos o passeio pela estrada da Boiça, uma estrada declivosa que desce pela encosta, em declive aspero, em voltas apertadas, até ao fundo do vale onde se levanta, no meio de ferteis milharais, um palacio antigo que hoje pertence ao dr. Adolfo Guimarães, grande in-

---

(1) Não me lembro já quem era esse padre tão galante. (Em 1957)

(2) Com o tempo, rectifiquei muito esta má impressão da primeira visita. (Idem).

fluente político progressista em toda esta região, creio que juiz de direito.

«Depois, a estrada sobe de novo pelo meio dum cerrado pinhal, numa encosta ainda mais aspera de inclinação que lembra o Berçaco a qualquer curva em que se passe. A estrada estava má; os cavalos pregaram-se, o carro começou a recuar sobre a ribanceira. Houve um momento de pânico; saltei do carro e fiz saltar as rapariguinhas, assim como salvei a minha maquina fotografica, o binoculo Goërtz que me custou 28:000 reis...

«O Santos chicoteava os cavalos; o coitado que se afadára, puxava-os pelos freios e o carro nem para traz nem para deante. As raparigas, transidas de medo, estavam a ver que o pai podia ir com o carro pela encosta abaixo e eu, mais pereno, apontei a minha maquina fotografica e tirei um instantaneo desse terrivel momento critico.

«Por fim, tudo se arranjou; a parelha conseguiu safar o carro e mais acima, á sombra duns enormes castanheiros, enquanto os cavalos descançavam, o Santos, patriarcalmente, puxou duma melancia que trouxera como homem previdente e cortando-a com

toda a ciencia, ofereceu-a amavelmente e comêmos com prazer as talhadas frescas.

«O resto do passeio foi simples. Passado o mau bocado da estrada municipal entrámos na estrada real e em pouco tempo estavamos ao portão da Quinta de S. Pedro ou de Vire de jantar porque nos não deixaram sair sem essa necessaria operação.

«A' sobremesa chegou o chefe da estação do correio, o José Ferreira, com a familia e um pouco mais tarde entraram umas senhoras brasileiras que nos trataram por "seu moço!"

«Seriam 8 horas, voltei á vila para ir ao teatro...

«Ao teatro?... Sim, ao teatro, um teatrinho pequeno, no antigo celeiro do Barão de Miranda do Corvo, onde um homem dava o espectaculo com um gramofone, uma lanterna magica e umas cançonetas cantadas por uma rapariga e um rapazote novo.

«Algumas senhoras foram: a gente do Administrador, a tal senhora distinta da Quinta do Campo, com a carruagem á porta, e outras damas que se riram a bom rir durante o espectaculo.

«Como se vê, Miranda é um céu aberto... E o dia foi, na verdade, um dia cheio.»

E como o ano de 1905 devia acabar menos mal depois de tantos e variados episodios, fui em meados de Dezembro escalado para um destacamento em Perriche onde passei um mês e tal tranquilamente, sem trabalhos, ocupado na contemplação do mar que ali é forte, das Berlengas ás veres envoltas na neblina e dos navios que singrávam para um e outro lado do canal.

Comandava o destacamento o capitão José da Silva Bandeira que levou a familia: a Esposa, senhora digna e compreensiva, e uma sobrinha, deliciosa raparigüinha de 19 anos, então a desabrochar em belesa cheia de simplicidade e afabilidade.

Na fortalesa seiscentista, varrida pelo vento, e muitas vêres pela espuma das ondas quando o mar se enfurecia, ela era a flor alegre que conseguia espiritualizar o ambiente severo da explanada bordada por canhoneiras agressivas, a materialidade da propria residencia, serie de casas que deitá-

vam para uma varanda coberta em que as pedras das colunas estavam carcomidas e asperas pelo ar maritimo.

De quando em quando, do meu quarto, por cuja janela eu via, para o sul, o oceano a brilhar, ouvia um canto suave, na varanda, quase ao lado; era ela que queria opôr ao bramir cávo das ondas nas furnas sobre que estava lançada a explanada, a ligeira alegria de qualquer canção simples, a meia voz. Ainda estou a ouvir, do fundo deste meio seculo tão duramente passado, a voz harmoniosa dessa flor a desabrochar em beleza, com promessas de inefavel bondade e carinho altamente desinteressado.

Não sei se estarei a exagerar a grata recordação que me deixou essa admiravel rapariga; quero, porem, crer que a evocação não só transmite as impressões desse tempo como tambem o conhecimento da sua vida infeliz, cheia de dedicação pelos outros e especialmente pelo marido, rapaz estouvado que a não compreendia e a deixou quase na miséria depois de morte prematura.

Sei que está hoje velha, surda, achacada a seguir a operação melindrosa; ainda ha

pouco vi uma fotografia que lhe tirei na explanada, sentada numa das antigas peças de bronze do sec.º XVII, com sorriso natural de quem quer ficar bem no retrato. Como hoje deve estar diferente, 52 anos passados, depois de vida dura, cheia de desilusões!

Naquela aspereza e materialidade da fortaleza maritima, ela era a alegria, a graça, a espiritualid.e quando passeava sobre o lagêdo duro da explanada; o sorriso e a voz eram a vara magica que transformava aquele presidio num recanto de aprasivel bem estar.

Morreu ha uns 2 mêses depois de agonia dolorosa. (Em 15-Julho-1958).

Ponto final.

Dirão os leitores, que um dia possam ver estas paginas escritas ao correr da pena, que estou a fazer poesia... em prosa ou a recordar paixão que ficou assolapada.

Nada disso. Estou apenas a lembrar impressões duma quadra da m.ª vida, quadra rapida, mas de que hoje, francamente, me lembro com certa saudade.

E mais nada; e vamos adeante.

O comandante do destacamento, o capitão Bandeira, dava-me largas e eu aproveitava-as. Passei, na verdade, umas excelentes semanas e encontrei na hospedaria da